

Nora Roberts
A ESCREVER COMO

ROBB

Julgamento Mortal

Tradução de Ana Mendes Lopes

A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido.

EVE DALLAS
FICHEIRO DE PESSOAL

Nome: Eve Dallas

Nacionalidade: Americana

Patente: Tenente de Homicídios, Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque

Nascimento: 2028

Altura: 1,75 m

Peso: 54 quilogramas

Olhos: Castanhos-dourados

Cabelo: Castanho-claro

Número de Identificação: 5347BQ

Serviço: Começou treino para agente policial na Academia em 2046, com 18 anos.

Família: Entre os oito e os dez anos de idade, Eve viveu numa casa de acolhimento enquanto os seus pais eram procurados. Eve foi encontrada sem qualquer identificação, sem memória e traumatizada, tendo sido vítima de agressão sexual.

Motivo de Eve para ser polícia: “É quem eu sou. Não se trata apenas de alguém ter de fazer este trabalho, embora as coisas sejam como são. Mas eu tenho de fazer este trabalho.”

*Os vícios da autoridade são principalmente quatro:
atrasos, corrupções, durezas e facilitismos.*

— FRANCIS BACON

*Num casamento existem mais coisas que
quatro pernas e uma cama.*

— JOHN HEYWOOD

Estava de pé no Purgatório enquanto observava a morte. O sangue e a maneira como ele escorria, a ferocidade do seu brilho. Tinha chegado àquele lugar com o temperamento obstinado de uma criança, cheio de calor, paixão e uma brutalidade negligente.

Era raro o assassinio ser um evento aseado. Fosse ele meticulosamente planeado ou selvaticamente impulsivo, a tendência era que deixasse uma grande confusão para os outros limparem.

O trabalho dela era cirandar por entre os destroços do assassinato, pegar nas peças soltas, ver onde elas encaixavam e compor uma imagem da vida que acabara de ser roubada. E através dessa imagem, encontrar a imagem de um assassino.

Agora, às primeiras horas da manhã, na hesitante primavera de 2059, as botas dela pisavam um pontiagudo mar de vidros estilhaçados. Os olhos, castanhos e calmos, examinavam a cena: espelhos despedaçados, garrafas partidas, madeira lascada. Os ecrãs da parede estavam partidos, as cabinas privadas chamuscadas e amolgadas. Couro e tecidos caros que cobriam os bancos do bar ou as elegantes áreas de assentos tinham sido rasgados, compondo coloridos farrapos.

O que antes fora um requintado clube de strip era agora uma grande confusão de lixo dispendioso.

O que antes fora um homem posicionado por detrás do enorme bar curvo, era agora uma vítima, deitada no seu próprio sangue.

A Tenente Eve Dallas agachou-se junto a ele. Ela era polícia e isso fazia com que ele lhe pertencesse.

— Homem. Negro. Trinta e muitos anos. Trauma generalizado, cabeça e corpo. Múltiplos ossos partidos. — Tirou um medidor do estojo de campo para obter a temperatura do corpo e do ambiente. — Segundo parece, o crânio fraturado seria o suficiente para o matar, mas as agressões não pararam por aqui.

— Ele foi espancado até à exaustão.

Eve recebeu o comentário da sua assistente com um grunhido. Estava a olhar para o que restava de um homem bem constituído, no auge da vida, com um bom metro e oitenta e cinco de altura e cento e cinco quilos do que teriam sido músculos tonificados.

— O que vês aqui, Peabody?

Peabody mudou a postura automaticamente e focou a visão.

— A vítima... bem, parece que a vítima foi atacada por trás. É provável que o primeiro golpe o tenha derrubado, ou pelo menos que o tenha deixado atordoado. O assassino continuou com ataques repetidos. A avaliar pelo padrão dos salpicos de sangue e massa encefálica, foi abatido com golpes na cabeça, depois espancado enquanto estava caído no chão, provavelmente inconsciente. Algumas das lesões foram certamente infligidas depois de estar morto. O taco de metal é a provável arma do crime e foi usada por alguém com uma força considerável, talvez quimicamente induzida, uma vez que a cena indica uma violência excessiva frequentemente demonstrada pelos utilizadores de Zeus.

— Hora da morte, quatro da manhã — afirmou Eve, depois virou a cabeça para cima e olhou para Peabody.

A sua assistente era tão apurhada, formal e oficial quanto possível, com o chapéu do uniforme cuidadosamente colocado por cima do cabelo escuro cortado acima do queixo. Tinha bons olhos, pensou Eve, límpidos e negros. E embora a natureza vil da cena lhe tivesse feito subir alguma cor às faces, estava a aguentar-se bastante bem.

— Motivo? — perguntou Eve.

— Parece ser um furto, Tenente.

— Porquê?

— A caixa registadora está aberta e vazia. A máquina de créditos foi partida.

— Hmm-mm. Um lugar vistoso como este deve negociar maioritariamente em crédito, mas também deve ter algumas transações em dinheiro.

— Os viciados em Zeus são capazes de matar por meia dúzia de trocos.

— É verdade. Mas o que estaria a nossa vítima a fazer sozinha, num clube fechado, com um viciado? Porque deixaria alguém sob a influência de Zeus ir para trás do bar? E... — Com os dedos protegidos, pegou numa pequena ficha de crédito prateada que estava mergulhada no mar de sangue. — Por que motivo deixaria o nosso viciado uma coisa destas para trás? Há uma série delas espalhadas em redor do corpo.

— Pode tê-las deixado cair. — Mas Peabody começou a pensar que Eve estava a ver qualquer coisa que ela não via.

— Pode ter sido.

Eve contou as moedas enquanto as ia apanhando, eram trinta; selou-as num saco de provas e entregou-as a Peabody. Depois pegou no taco. Estava sujo de sangue e miolos. Segundo a sua estimativa, tinha cerca de sessenta centímetros de comprimento e com peso capaz de fazer muitos estragos.

Muitos estragos.

— É um bom taco, todo de metal, mas não é o tipo de objeto que um viciado apanharia num edifício abandonado. Vamos acabar por descobrir que este taco pertencia aqui, atrás do bar. Vamos descobrir, Peabody, que a nossa vítima conhecia o assassino. Talvez estivessem a beber um copo depois do trabalho.

Semicerrou os olhos enquanto imaginava a cena.

— Talvez estivessem a discutir e a discussão tenha subido de tom. O mais provável era o nosso assassino já vir alterado. Sabia onde estava o taco. Foi atrás do bar. Algo que já tinha feito antes, por isso, este nosso amigo aqui não ficou alarmado com o gesto. Não estava preocupado, não teve receio de virar as costas.

Eve fez os mesmos movimentos, medindo a posição do corpo e dos salpicos.

— O primeiro golpe projetou-lhe o rosto em direção ao vidro da parede de trás. Repara nos cortes que tem no rosto. Não são golpes provocados por estilhaços a voar. São demasiado compridos e profundos. Ele conseguiu correr e foi nesse momento que o assassino lhe deu a segunda bastonada, aqui, derrubando-o. As garrafas caíram. Foi nesse momento que lhe deu a pancada que o matou. Esta aqui que lhe esmagou o crânio como um ovo.

Voltou a agachar-se, sentada nos calcanhares.

— Depois disso, o assassino limitou-se a bater-lhe até se cansar; a seguir destruiu o bar. Talvez com a fúria, talvez para disfarçar. Mas teve sangue-frio suficiente para vir até aqui e observar o trabalho antes de se ir embora. Quando acabou o que tinha a fazer, deixou cair o taco.

— Será que queria que parecesse um assalto? Como um excesso de alguém sob o efeito de substâncias ilegais?

— Sim. Ou então a nossa vítima era um idiota e estou a dar-lhe demasiado crédito. Tens a gravação do corpo e das cenas circundantes? De todos os ângulos?

— Sim, chefe.

— Vamos virá-lo.

Quando Eve virou o corpo, os ossos partidos chocalharam como um saco cheio de louças de barro.

— Meu Deus. Oh, meu Deus.

Estendeu a mão para pegar no distintivo manchado que boiava na fresca e quase coagulada poça de sangue. Com o polegar protegido, limpou a fotografia e o escudo.

— Ele estava em serviço.

— Era polícia? — Peabody deu um passo em frente.

Ouviu-se um súbito silêncio. A equipa de investigação de homicídios

e os ajudantes a trabalhar do outro lado do bar pararam de falar. Pararam de se mexer.

Meia dúzia de rostos virou-se para ela. À espera.

— Kohli, Detetive Taj. — Quando se levantou, o rosto de Eve era sombrio. — Ele era um de nós.

Peabody atravessou o chão repleto de destroços, aproximando-se do local onde Eve observava os restos mortais do Detetive Taj Kohli a serem ensacados, para serem transferidos para a morgue.

— Já tenho os dados dele, Dallas. Faz parte da Um vinte e oito, destacado para os Narcóticos. Está ao serviço há oito anos. Vem da carreira militar. Tinha trinta e sete anos. Casado. Dois filhos.

— Alguma coisa se destaca nos registos dele?

— Não, chefe. Está limpo.

— Vamos descobrir se estava aqui a fazer um trabalho infiltrado ou se tinha apenas um segundo emprego. Elliott? Preciso desses discos de segurança.

— Não há discos de segurança. — Um dos assistentes de investigação apressou-se a ir até junto dela. Tinha o rosto vincado com uma expressão zangada. — Foram levados. Todos eles. Este lugar tinha cobertura de vídeo total e o filho da mãe sacou os discos todos. Não temos nada.

— Limpou as pegadas.

Com as mãos nas ancas, Eve fez um círculo. O clube tinha três andares, com um palco no andar principal e pistas de dança nos pisos um e dois. Em redor do piso de cima, havia várias salas privadas. Para ter cobertura total, calculou que fossem necessárias doze câmaras, talvez mais. Para retirar todos os discos de segurança, o assassino teve de ter tempo e cuidado.

— Ele conhecia o lugar — declarou. — Ou então é um cabrão de um génio da segurança. Disfarce — murmurou. — Esta destruição toda não passa de um disfarce. Ele sabia bem o que estava a fazer. Tinha o controlo. Peabody, descobre quem é o dono deste lugar, quem o gere. Quero saber quem são as pessoas que trabalham aqui, todas. Quero conhecer a organização.

— Tenente? — Um assistente com um ar aborrecido caminhou com dificuldade por entre o caos. — Está um civil lá fora.

— Estão muitos civis lá fora. Vamos mantê-los lá.

— Sim, chefe, mas este em particular insiste em falar consigo. Diz que é o dono deste clube. E, hmm...

— E, hmm, o quê?

— E que a chefe é mulher dele.

— Roarke Entretenimento — anunciou Peabody ao ler as informações do computador de mão. Fez um sorriso cauteloso a Eve. — Adivinha quem é o dono do Purgatório?

— Eu devia ter adivinhado.

Resignada, Eve foi até à porta da entrada.

Ele tinha o mesmo aspeto de há duas horas, quando se tinham separado para ir cada um tratar das suas vidas. Atraente e deslumbrante. O sobretudo leve que usava por cima do fato escuro esvoaçava suavemente com a brisa. A mesma brisa que agitava a cabeleira negra que emoldurava o rosto poeticamente pecaminoso. Os óculos escuros que usava para se proteger do sol, só acentuavam a sua elegância atraente.

E quando os tirou, ao ver Eve sair, os olhos azuis brilhantes cruzaram-se com os dela. Guardou os óculos no bolso e ergueu uma sobrancelha.

— Bom-dia, Tenente.

— Tive um mau pressentimento quando entrei aqui dentro. É mesmo o teu estilo de lugar, não é? Por que raio tens de ser o dono de tudo e mais alguma coisa?

— Era um sonho de rapaz. — A voz dele tinha traços irlandeses, uma certa musicalidade característica daquele país. Olhou para lá de Eve para o selo policial. — Parece que estamos os dois a braços com aborrecimentos.

— Tinhas de dizer ao assistente que sou tua mulher?

— Tu és minha mulher — disse ele com descontração, voltando a olhar para o rosto dela. — Um facto que me agrada diariamente. — Pegou-lhe na mão, esfregando o polegar por cima da aliança de casamento antes que ela conseguisse puxar e libertar a mão novamente.

— Nada de toques — sibilou ela, o que o fez sorrir.

— Não foi isso que disseste há algumas horas. Na verdade...

— Cala-te, Roarke. — Eve olhou rapidamente em redor, embora nenhum dos políciais que trabalhava no local do crime estivesse no exterior ou suficientemente perto para os ouvir. — Isto é uma investigação policial.

— Pois, foi o que me disseram.

— E quem é que te disse?

— O chefe da equipa de manutenção que encontrou o corpo. Mas primeiro ligou à polícia — salientou Roarke. — É natural que me tenha relatado o incidente. O que aconteceu?

Não valia a pena irritar-se porque os negócios dele se tinham imiscuído na profissão dela. Mais uma vez. Eve tentou consolar-se com o facto de ele poder, e certamente a ajudar a evitar muita da papelada.

— Tens um empregado de bar chamado Kohli? Taj Kohli?

— Não faço ideia. Mas posso descobrir. — Tirou um bloco eletrônico esguio do bolso e inseriu alguns dados. — Está morto?

— Mais morto é impossível.

— Sim, era um dos meus empregados — confirmou Roarke, e a pronúncia irlandesa da sua voz assumiu um tom frio. — Desde há três meses a esta parte. Trabalhava a tempo parcial. Quatro noites por semana. Tinha família.

— Sim, eu sei. — Aquele tipo de coisas eram bastante importantes para Roarke e Eve ficava de coração derretido com ele. — Ele era polícia — disse ela. Desta vez o sobrolho de Roarke ergueu-se. — Não tinhas isso no teu pequeno computador, pois não?

— Não. Parece que a minha diretora de pessoal foi um pouco descuidada. Vou tratar disso. Tenho autorização para entrar?

— Sim, daqui a um instante. Há quanto tempo és proprietário deste lugar?

— Há quatro anos, mais ou menos.

— Quantos empregados tens, a tempo parcial e a tempo inteiro?

— Posso obter todas as informações, Tenente, e responder a todas as tuas perguntas pertinentes. — Ao estender a mão para a porta, os olhos dele brilhavam com aborrecimento. — Mas agora, gostava de ver o meu clube.

Roarke entrou no clube, passou os olhos pela destruição, depois focou-se no saco preto grosso que estava a ser colocado no que os assistentes de homicídios chamavam de carrinho.

— Como é que ele foi morto?

— Com minúcia — disse Eve, depois suspirou quando Roarke se virou simplesmente e ficou a olhar para ela. — Foi feio, está bem? Com um taco de metal. — Viu Roarke olhar para o bar e para os salpicos de sangue que pontilhavam o espelho como uma incompreensível pintura. — Depois dos primeiros golpes, ele já não sentiu mais nada.

— Alguma vez levaste com um taco? Porque eu já — disse Roarke antes que ela pudesse responder. — Não é agradável. Parece um pouco rebuscado pensar que isto foi um assalto, mesmo que o assaltante tenha perdido por completo o controlo.

— Porquê?

— Porque havia aqui bebidas alcoólicas de primeira, mesmo à mão de semear, em quantidade suficiente para manter qualquer pessoa confortavelmente durante um bom tempo. Por que motivo alguém havia de partir as garrafas quando as podia vender? Quando se assalta um lugar como este, não é pela quantidade de dinheiro que há em caixa, mas pelo inventário e talvez algum equipamento.

— Fala a voz da experiência?

Conseguiu provocar-lhe um sorriso travesso.

— Naturalmente. A minha experiência como proprietário e cidadão cumpridor da lei, claro.

— Claro.

— E os discos de segurança?

— Desapareceram. Ele levou-os a todos.

— Então faz sentido que tenha inspecionado o lugar antes.

— Quantas câmaras há?

Mais uma vez, Roarke tirou o bloco eletrónico para obter as informações.

— Dezoito. Nove neste piso, seis no piso dois e outras duas no de cima que dão uma visão geral do espaço. Antes que perguntes, a hora de fecho é às três, o que faz com que o pessoal saia meia hora depois. O último espetáculo, e aqui temos espetáculos ao vivo, acaba às duas. Os músicos e as entertainers...

— As strippers.

— Como queiras — disse ele suavemente. — Também saem a essa hora. Dentro de uma hora já terei nomes e horários para te dar.

— Agradeço. Porquê Purgatório?

— O nome? — A sombra de um sorriso aflorou os seus lábios. — Gostei dele. Os padres dizem-nos que o Purgatório é um lugar de expiação, de reabilitação, talvez. Um pouco como a prisão. Eu sempre o vi como a última oportunidade de sermos humanos — declarou. — Antes de colocares as asas e o halo ou de encarares o fogo.

— Qual dos dois preferias? — questionou Eve. — As asas ou o fogo?

— Aí é que está a questão, vês? Eu prefiro ser humano. — Enquanto o carrinho passava por eles, Roarke levou uma mão ao cabelo. — Lamento muito isto.

— Também eu. Há algum motivo para um detetive da cidade de Nova Iorque estar a trabalhar sob disfarce no Purgatório?

— Não sei dizer. É certamente provável que alguns dos clientes se movimentem em círculos que fujam um pouco ao que é aprovado pela Polícia de Nova Iorque, mas não fui informado de nada em concreto. Algumas substâncias ilegais podem passar de mãos nas salas privadas ou por baixo das mesas, mas não se fazem aqui grandes transações. Eu saberia. As strippers não trabalham com jogos a não ser que tenham licença, e algumas até têm. Não entra ninguém por aquelas portas se não for maior de idade — seja cliente ou funcionário. Eu tenho os meus próprios padrões, Tenente, e ponho-os em prática.

— Eu não estou a cair em cima de ti. Mas preciso de uma imagem deste lugar.

— Estás danada por eu estar aqui.

Eve esperou um instante, com o cabelo curto, espetado, despenteado devido à dança com a brisa que se fazia sentir lá fora. À medida que os técnicos da morgue abriam a porta para transferir o corpo de Kohli, os sons do dia penetraram no clube.

O trânsito já estava a adensar-se. Os carros aglomeravam-se com irritação nas ruas, os viajantes aéreos enchiam os céus. Ouvia o chamado do operador madrugador de um carro aéreo a dirigir-se aos técnicos e perguntar:

— Mas que porra se passa?

— Está bem, estou danada por estares aqui. Mas hei de ultrapassá-lo. Quando foi a última vez que aqui estiveste?

— Há meses. O negócio corria bem e não precisava da minha atenção direta.

— Quem gere o clube por ti?

— Rue MacLean. Vou transferir-te também a informação dela.

— Quanto mais cedo, melhor. Queres dar uma vista de olhos ao clube agora?

— Não vale a pena até me poder informar sobre como era antes. Mas mal o faça, quero ter autorização para entrar.

— Eu trato disso. Sim, Peabody? — perguntou Eve, virando-se quando a assistente deu um passo em frente e pigarreou.

— Com licença, chefe, mas acho que vais querer saber que já cheguei à chefe de esquadra da vítima. Vão enviar um membro da sua unidade e um conselheiro para informar os familiares. Precisam de saber se queres visitar primeiro a mulher dele, a sós.

— Diz-lhes que esperem um pouco. Vamos para lá agora e encontramos com eles. Tenho de ir — disse para Roarke.

— Não invejo o seu trabalho, Tenente. — Porque precisava de lhe tocar, pegou-lhe na mão e entrelaçou os dedos firmemente nos dela. — Mas deixo-te regressar a ele. Vou transmitir-te as informações de que precisas o mais depressa possível.

— Roarke? — chamou Eve quando se encaminhou para a porta. — Lamento o que aconteceu ao teu clube.

— É madeira e vidro. Há muito disso por aí — respondeu enquanto olhava para ela por cima do ombro.

— Ele não estava a falar a sério — murmurou Eve quando ele fechou a porta atrás de si.

— Chefe?

— Eles meteram-se com ele. E ele não vai deixar passar. — Eve expirou pesadamente. — Vamos, Peabody, vamos ver a mulher da vítima e acabar logo com este inferno em particular.

...

Os Kohli viviam num edifício decente de poucos andares no East Side. Era o tipo de lugar, pensou Eve, onde se encontrariam famílias jovens e casais reformados. Não era suficientemente moderno para os solteiros, nem suficientemente barato para os que viviam com dificuldades.

Era uma unidade múltipla simples, agradável senão mesmo elegantemente reabilitada depois das Revoltas Urbanas.

A segurança na porta de entrada consistia num código básico.

Eve viu os polícias antes de estacionar em segunda fila e ligou a luz que indicava estar Em Serviço.

A mulher estava bem arranjada, com cabelo de pontas brilhantes que curvava em direção às faces como duas afinadas arestas. Usava óculos de sol e um fato azul-escuro acessível. Os sapatos, com tacões finos de cinco centímetros, diziam a Eve que ela trabalhava à secretária.

Uma oficial de patente alta, Eve tinha a certeza.

O homem tinha bons ombros e um pouco de barriga. Tinha bastante cabelo, mas deixara-o ficar grisalho. Naquele momento, estava a dançar ao sabor da brisa em redor do rosto calmo e composto. Usava sapatos de polícia, de solas grossas e polidos até brilharem. O casaco do fato era um pouco pequeno para o corpo e estava a começar a desfiar-se nos punhos.

Era um polícia com uma longa carreira, pensou Eve, que passara da ronda para a rua até chegar à secretária.

— Tenente Dallas. — A mulher deu um passo em frente mas não lhe estendeu a mão para um cumprimento de cortesia. — Reconheço-a. A Tenente tem muita projeção nos meios de comunicação social. — Não foi dito como censura, mas ainda assim havia uma centelha de repreensão no ar. — Sou a Capitão Roth, da Um vinte e oito. Este é o Sargento Clooney, da minha divisão. Ele é conselheiro emocional.

— Obrigada por esperaram. A Agente Peabody, minha assistente.

— Qual é o ponto da sua investigação, Tenente?

— O corpo do Detetive Kohli está com o médico-legista e terá tratamento prioritário. O meu relatório vai ser escrito e entregue logo após à notificação da família.

Parou para evitar ter de gritar por cima do súbito ruído de um maiautocarro que encostou à berma a meio quarteirão de distância.

— Neste momento, Capitão Roth, tenho um agente da polícia morto que é a aparente vítima de um espancamento particularmente brutal nas primeiras horas da manhã enquanto estava num clube, depois do horário de trabalho. A vítima trabalhava a tempo parcial nesse dito clube, como empregado de bar.

- Assalto?
- Pouco provável.
- Então, na sua opinião, qual foi o motivo?

Uma pequena semente de ressentimento acomodou-se nas entranhas de Eve. Sabia que se não tivesse cuidado, ela ia banquetear-se dentro de si.

— Neste ponto da investigação, ainda não formei opinião quanto ao que motivou o assassinato. Capitão Roth, quer continuar aqui na rua e interrogar-me, ou prefere ler o meu relatório quando este for entregue?

Roth abriu a boca, mas depois limitou-se a inspirar.

— Entendido, Tenente. O Detetive Kohli trabalhou sob o meu comando nos últimos cinco anos. Vou ser direta consigo. Quero esta investigação sob a alçada da minha divisão.

— Estimo os seus sentimentos em relação a este assunto, Capitão Roth. E posso apenas assegurar-lhe que enquanto eu for principal deste caso, a investigação da morte do Detetive Kohli será alvo de toda a minha atenção.

Tira a porcaria dos óculos, pensou Eve. Quero ver os teus olhos.

— Pode requerer a transferência de autoridade — continuou Eve. — Mas vou ser sincera consigo. Não vou desistir facilmente. Estive junto do corpo dele esta manhã. Vi o que lhe fizeram. Não pode querer apanhar este assassino mais do que eu quero.

— Capitão. — Clooney deu um passo em frente, colocando levemente a mão no braço de Roth, junto ao cotovelo. Tinha rugas a partir dos olhos azuis pálidos. Davam-lhe um ar cansado e de alguma forma merecedor de confiança. — Tenente. Neste momento, as emoções estão bastante alteradas. Para todos nós. Mas temos um trabalho para desempenhar, aqui e agora.

Olhou de relance para cima, em direção a uma janela quatro andares acima.

— O que quer que estejamos a sentir não se compara com o que vai ser sentido lá em cima.

— Tens razão. Tens razão, Art. Vamos lá fazer isto.

Roth virou-se para a entrada, introduzindo o código-mestre.

— Tenente? — Clooney ficou um pouco para trás. — Sei que vai querer interrogar a Patsy, a mulher de Taj. Mas tenho de lhe pedir que por enquanto seja branda com ela. Eu sei o que ela está prestes a passar. Perdi o meu filho no cumprimento do dever há alguns meses. E estas coisas abrem-nos um buraco no peito.

— Eu não a vou pontapear enquanto ela estiver no chão, Clooney. —

Eve empurrou as portas com os ombros, recompôs-se e virou-se para trás. — Eu não o conhecia — disse mais calmamente, — mas ele foi assassinado e era um polícia. Isso para mim é suficiente, está bem?

— Sim. Sim. Está bem.

— Cristo, odeio estas coisas. — Seguiu Roth até ao elevador. — Como é que faz isto? — perguntou a Clooney. — Esta coisa do aconselhamento. Como o consegue suportar?

— Para lhe dizer a verdade, colocaram-me a fazer este trabalho porque tenho uma certa facilidade em manter a paz. Meditação — acrescentou com um sorriso rápido. — Concordei em fazer aconselhamento a sobreviventes, só para ver se resultava e descobri que conseguia fazer algum bem às pessoas. Sei o que sentem — em cada uma das etapas.

Enquanto entravam no elevador, Clooney comprimiu os lábios. O sorriso há muito que tinha desaparecido.

— Suporta-se porque talvez se consiga ajudar alguém... só um pouco. Faz diferença se o conselheiro também for um polícia. E nos últimos meses descobri que faz ainda mais diferença se o conselheiro for um polícia que também passou por uma perda. Já perdeu algum membro da sua família, Tenente?

Eve teve uma fugaz memória de um quarto sombrio, do corpo ensanguentado de um homem, da criança que fora, aninhada e quebrada num canto.

— Eu não tenho família.

— Bem... — foi tudo o que Clooney disse enquanto saíam no quarto andar.

Ela perceberia logo e todos sabiam disso. A mulher de um polícia saberia assim que a porta se abrisse. A maneira como as palavras eram ditas variava pouco e não tinham a menor importância. No instante em que a porta se abria, as vidas mudavam irrevogavelmente.

Não tiveram oportunidade de bater à porta antes que a mudança começasse.

Patsy Kohli era uma mulher bonita com a pele suave cor de ébano e uma melena de caracóis pretos cortada curta. Estava vestida para sair, com uma faixa de transporte de bebés atravessada por cima do peito. O menino pequeno que estava ao lado dela tinha a mão metida na mão da mãe enquanto dançava ao lado dela.

— Vamos aos baloiços! Vamos aos baloiços!

Mas a mãe tinha ficado imóvel no lugar, o sorriso que pairava nos seus olhos desvaneceu-se. Levantou uma das mãos, encostou-a ao bebé e o bebé ao coração.

— Taj.

Roth tinha tirado os óculos de sol. Os seus olhos eram de um azul frio, rigidamente inexpressivos.

— Patsy. Precisamos de entrar.

— Taj. — Patsy ficou onde estava, abanando lentamente a cabeça. — Taj.

— Pronto, Patsy. — Clooney avançou, deslizando um braço por cima dos ombros dela. — Porque não nos sentamos?

— Não. Não. Não.

O menino começou a chorar, gritos sonoros enquanto puxava a mão inanimada da mãe. Tanto Roth como Eve olharam para ele com expressões de puro e inflamado pânico.

Peabody entrou em casa, e agachou-se para ficar ao nível dele.

— Olá, companheiro.

— Os baloiços — disse ele desgostosamente, enquanto as lágrimas grossas lhe desciam pelas faces rechonchudas.

— Pois. Tenente, se calhar é melhor eu levar o menino à rua?

— Ótima ideia. Bem pensado. — O estômago de Eve estava ocupado a emaranhar-se em nós com os soluços cada vez mais sonoros do menino. — Sra. Kohli, com a sua autorização, a minha assistente vai levar o seu filho lá para fora durante um bocadinho. Acho que é o melhor.

— Chad. — Patsy olhou para baixo como se estivesse a despertar de um sonho. — Nós íamos ao parque. A dois quarteirões daqui. Aos baloiços.

— Eu levo-o, Sra. Kohli. Ele vai ficar bem. — E com uma descontração que deixou Eve a franzir o sobrolho, Peabody levantou o menino e sentou-o por cima da anca. — Então, Chad, gostas de cachorros de soja?

— Patsy, porque não me dá a menina? — Com cuidado, Clooney desapertou a faixa e tirou a bebé. Depois, para choque de Eve, passou-lha para as mãos.

— Oh, escute, eu não sei...

Mas Clooney já estava a guiar Patsy até ao sofá e Eve ficou com a trouxa na mão. Ou pelo menos era assim que pensava nela. Olhou para baixo, a tremer, e quando viu uns olhos negros e grandes a fitá-la com curiosidade, as palmas das mãos ficaram encharcadas.

Quando a bebé disse “goo”, Eve ficou com a boca completamente seca.

Perscrutou a sala em busca de ajuda. Clooney e Roth já estavam a rodear Patsy e a voz dele era um murmúrio calmo. A sala era pequena e com um ar vivido, com alguns brinquedos espalhados pelo tapete e um cheiro — que Eve não reconheceu — a talco, lápis de cera e açúcar. O cheiro a crianças.

Mas viu um cesto de roupa imaculadamente dobrada junto a uma

cadeira. Perfeito, pensou, e com o cuidado de uma mulher a manusear uma bomba caseira, colocou a bebé por cima da roupa.

— Fica — murmurou, dando palmadinhas constrangidas na cabecinha negra e aveludada.

Depois recomeçou a respirar.

Virou-se para a sala e viu a mulher sentada no sofá enroscar-se sobre si própria, balançando-se incessantemente, com as mãos presas nas mãos de Clooney. Não fazia qualquer barulho, mas as lágrimas caíam do seu rosto como chuva.

Eve ficou no seu canto, observou Clooney a trabalhar, viu a unidade de apoio ficar de cada um dos lados da viúva. *Isto, pensou, era uma família. O que quer que isso valha. E em alturas como esta, não havia nada mais importante.*

O desgosto abateu-se sobre a sala como se fosse nevoeiro. Eve sabia que ainda ia demorar muito tempo a voltar a levantar-se.

— A culpa é minha. A culpa é minha. — Foram as primeiras palavras que Patsy proferiu desde que se sentara no sofá.

— Não — disse Clooney, apertando-lhe as mãos até ela levantar a cabeça. Eles precisavam de olhar as pessoas nos olhos, isso Eve sabia. Para acreditarem neles, para se sentirem consolados, precisavam de ver tudo espelhado nos olhos dos outros. — Claro que a culpa não é sua.

— Ele jamais teria ido trabalhar para lá se não fosse eu. Não quis regressar ao trabalho depois de a Jilly nascer. Queria ficar em casa. O dinheiro, o salário de mãe profissional era tão menor do que...

— Patsy, o Taj estava feliz por você poder ficar em casa com as crianças. Ele tinha tanto orgulho neles e em si.

— Eu não posso... Chad. — Patsy libertou as mãos e pressionou-as contra o rosto. — Como lhe vou conseguir dizer? Como vamos conseguir viver sem o Taj? Onde é que ele está? — Deixou cair as mãos e olhou em redor, sem ver nada. — Tenho de o ir ver. Talvez tenha havido um engano.

Eve sabia que estava na hora de intervir.

— Lamento, Sra. Kohli, mas não há engano nenhum. Eu sou a Tenente Dallas. Estou à frente da investigação.

— Viu o Taj — disse Patsy, levantando-se, trémula.

— Sim. E lamento muito, muito a sua perda. Consegue falar comigo agora, Sra. Kohli? Ajudar-me a encontrar a pessoa que fez isto?

— Tenente Dallas — começou por dizer Roth, mas Patsy abanou a cabeça.

— Não, não. Eu quero falar. O Taj havia de querer que eu falasse. Ele havia de querer... Onde está a Jilly? Onde está a minha bebé?

— Eu, hmm... — Sentindo-se novamente pegajosa, Eve gesticulou para o cesto da roupa.

— Oh. — Patsy limpou as lágrimas e sorriu. — Ela é tão boa. É um amor de bebé. Quase nunca chora. Devia ir deitá-la no berço dela.

— Eu faço isso, Patsy — disse Clooney, levantando-se. — Fale com a Tenente. — Ofereceu a Eve um olhar silencioso, pleno de mágoa e entendimento. — Era o que o Taj queria que fizesse. Quer que lhe chamemos alguém? A sua irmã?

— Sim. — Patsy inspirou. — Sim, por favor. Se puderem chamar-me a Carla.

— A Capitão Roth vai fazer isso, não vai, Capitão? Enquanto eu deito a bebé?

Roth debateu-se, cerrou os dentes. Eve não ficou surpreendida por ver o seu aborrecimento. Clooney tinha basicamente tomado conta da situação, com toda a calma. E aquela não era uma mulher que gostasse de receber ordens de um sargento seu.

— Sim, claro que sim. — Com um último olhar de aviso a Eve, levantou-se e foi até à divisão do lado.

— A senhora trabalha na divisão do Taj?

— Não, não trabalho.

— Não, não, claro. — Patsy esfregou a têmpora. — A senhora deve trabalhar nos Homicídios. — Começou a quebrar, o som passava pelos seus lábios como um queixume. E Eve observou-a com admiração enquanto se recompunha. — O que quer saber?

— O seu marido não veio a casa esta manhã. Não ficou preocupada?

— Não. — Recostou-se, estendeu a mão até ao braço do sofá e sentou-se. — Ele disse-me que o mais provável era que fosse do clube diretamente para a esquadra. Ele às vezes fazia isso. E disse que ia encontrar-se com alguém depois de fechar.

— Com quem?

— Isso não me disse; disse apenas que tinha de ver uma pessoa depois de o clube fechar.

— Conhece alguém que lhe quisesse fazer mal, Sra. Kohli?

— Ele era polícia — disse simplesmente. — Conhece alguém que vos queira fazer mal, Tenente?

É justo, pensou Eve, acenando com a cabeça.

— Alguém em específico? Alguém de quem lhe tenha falado.

— Não. O Taj não trazia o trabalho para casa. Era um ponto de honra para ele, acho eu. Não queria que nada tocasse na sua família. Eu nem sequer sei em que casos ele estava a trabalhar. Ele não gostava de falar disso. Mas eu estava preocupada.

Dobrou as mãos no colo, com bastante força, e olhou para elas. Fitava, Eve reparou, a aliança de ouro que tinha no dedo.

— Percebi que ele andava preocupado com qualquer coisa. Perguntei-lhe o que se passava, mas ele desviou o assunto. O Taj era assim — conseguiu dizer com um sorriso trémulo. — Ele tinha, bem, algumas pessoas diriam que ele tinha um comportamento masculino dominante, mas o Taj era mesmo assim. Era um pouco antiquado em alguns aspetos. Era um bom homem. Um pai maravilhoso. E amava a profissão.

Patsy comprimiu os lábios.

— Ele teria ficado orgulhoso por morrer enquanto desempenhava o seu trabalho. Mas não desta maneira. Assim não. Quem quer que lhe fez isto, roubou-lhe esse orgulho. Roubou-o de mim e dos nossos filhos. Como pode uma coisa destas acontecer? Tenente, como pode isto acontecer?

E como não havia resposta para aquela pergunta, a única coisa que Eve podia fazer era continuar a perguntar.

Esta foi difícil.

— Pois foi. — Eve afastou-se da berma e tentou sacudir o peso que trouxera nos ombros, depois de sair do apartamento dos Kohli. — Ela vai conseguir aguentar-se pelos miúdos. É uma mulher forte.

— Os miúdos são ótimos. O menino, então, é qualquer coisa. Consegui fazer com que lhe comprasse um cachorro de soja, três barras de chocolate e um gelado.

— Aposto que teve de te torcer o braço.

O sorriso de Peabody era doce.

— Tenho um sobrinho mais ou menos da idade dele.

— Tu tens sobrinhos de todas as idades possíveis.

— É mais ou menos isso.

— Diz-me uma coisa, de acordo com a tua vasta experiência com a família. Consideremos um marido e uma mulher, que parecem bastante unidos, têm um casamento bom e sólido, com filhos. Por que motivo a mulher, que aparenta ter uma personalidade forte e um cérebro em funcionamento, não sabe praticamente nada da profissão do marido? Do trabalho que ele faz, da sua rotina diária?

— Talvez ele goste de deixar o trabalho à porta de casa.

— Isso não funciona comigo — resmungou Eve. — Quando vives com alguém dia após dia, tens de saber o que ele faz, o que pensa, o que gosta. Ela disse que ele estava preocupado com qualquer coisa, mas não disse o quê. E ela não o pressionou.

Abanou a cabeça, franzindo o sobrolho, enquanto serpenteava por entre o trânsito que atravessava a cidade.

— Não percebo.

— Tu e o Roarke têm uma dinâmica de casal diferente.

— Que diabo quer isso dizer?

— Bem. — Peabody deslizou os olhos pelo perfil de Eve. — Foi uma maneira agradável de dizer que nenhum dos dois deixaria que o outro mantivesse segredos sobre alguma coisa. Se se passa alguma coisa com um de vocês, o outro consegue logo farejar e não se cansa de insistir até estar tudo exposto. Vocês são os dois metediços e suficientemente ruins para não deixar que o outro se escape com nada. Agora, vê por exemplo a minha tia Miriam.

— Tenho mesmo de o fazer?

— O que estou a dizer é que ela e o meu tio Jim são casados há mais de quarenta anos. Ele vai para o trabalho todas as manhãs, chega a casa todas as noites. Têm quatro filhos, oito, não nove, netos e uma vida muito feliz. Ela nem sequer sabe quanto dinheiro ele ganha por ano. Ele dá-lhe uma mesada e pronto...

Eve quase bateu na traseira de um Táxi-Expresso.

— Uma quê?

— Pois, já sei. Eu disse que vocês têm uma dinâmica diferente. De qualquer maneira, ele dá-lhe o dinheiro que é preciso para a casa e outras coisas. Ela pergunta-lhe como foi o seu dia, ele responde que foi bom e acabou-se a conversa sobre o trabalho. — Peabody encolheu os ombros. — É assim que funciona para eles. Agora, a minha prima Freida...

— Já percebi a ideia, Peabody. — Eve ligou o transmissor do carro e contactou o médico-legista.

Foi transferida diretamente para Morse, que estava a fazer a autópsia.

— Ainda estou a trabalhar nele, Dallas. — O rosto de Morse estava invulgarmente sombrio. — Ele está feito num oito.

— Eu sei. Já tens os resultados dos exames toxicológicos?

— Foi a primeira coisa que fiz. Não havia substâncias ilegais no sistema. Ele tinha bebido um pouco de cerveja e comido alguns pretzels pouco antes do óbito. Segundo parece, estava a beber cerveja quando foi atingido. A última refeição, cerca de seis horas antes, tinha sido uma sandes de frango em pão integral e salada de massa. Bebeu café. Neste momento posso dizer-te que a vítima gozava de excelente saúde e uma boa condição física antes de um filho da mãe qualquer o ter feito aos bocados.

— Muito bem. A fratura do crânio, foi isso que o matou?

— Não disse que ainda estava a trabalhar nele? — A voz de Morse saiu disparada, tão aguçada como laser. Antes que Eve pudesse responder, ele levantou uma mão, protegida por isolante mas ensanguentada até ao pulso. — Desculpa. Desculpa. Por enquanto posso dizer-te o seguinte: o atacante atingiu-o por trás. O primeiro golpe foi na parte de trás da cabeça. As lacerações faciais indicam que a vítima colidiu com vidro, primeiro com o rosto. O segundo golpe, que o atingiu no queixo, derrubou-o. Depois, o cabrão abriu-lhe a cabeça como se fosse um maldito amendoim. Ele já estava morto e não sentiu nada. Todos os restantes ferimentos foram feitos após o óbito. Ainda não tenho uma contagem final dos ditos ferimentos.

— Já me deste o que precisava. Desculpa a pressão.

— Não, eu é que peço desculpa. — Morse expirou pela boca. — Eu conhecia-o, por isso isto é um tanto pessoal. Ele era um tipo decente, gostava de exhibir holofotografias dos filhos. Não temos muitos rostos alegres por estes lados. — Os olhos dele semicerraram-se ao olhar para ela. — Fico

contente por ele estar contigo, Dallas. Ajuda saber que ele está entregue a ti. Vais receber o meu relatório no fim do turno.

Morse interrompeu a transmissão e deixou Eve a olhar para o ecrã vazio.

— Era um tipo popular — comentou Eve. — Quem detestaria tanto um tipo decente, pai orgulhoso, marido amantíssimo? Quem é que espanca um polícia até o transformar em polpa, sabendo que o sistema se une para apanhar um assassino de polícias? Alguém detestava o nosso tipo popular de um modo muito inflamado e maldoso.

— Alguém que ele tenha detido?

Não podiam preocupar-se com aqueles que prendiam, matutou Eve. Mas a verdade era que os tinham sempre em mente.

— Se um polícia tomar uma bebida e virar as costas a alguém que já prendeu, é o mesmo que pedir que lhe abram a cabeça. Vamos acelerar o passo e obter os registos dele o mais depressa possível, Peabody. Quero saber que tipo de polícia era Taj Kohli.

Eve entrou na esquadra e tinha acabado de virar em direção ao seu gabinete, quando uma mulher se levantou de um dos bancos da zona de espera.

— Tenente Dallas?

— Exatamente.

— Sou Rue MacLean. Acabei de saber o que aconteceu com o Taj. Eu... — Levantou as mãos. — O Roarke disse-me que queria falar comigo, por isso pensei que mais valia vir já. Quero ajudar.

— Agradeço a sua atitude. Só um instante. Peabody. — Deu um passo ao lado com a assistente. — Pressiona os tipos dos registos para se apressarem com o Kohli, depois verifica a situação financeira dele.

— Chefe? A situação financeira?

— Isso mesmo. Se te deparares com alguma parede nos registos financeiros, liga ao Feeney, na Divisão de Detecção Eletrónica. Investiga um pouco. Descobre com quem ele se dava mais na esquadra. Ele não falava com a mulher sobre o trabalho, talvez falasse com outra pessoa qualquer. Quero saber se ele tinha algum passatempo, interesses particulares. E quero saber em que casos estava a trabalhar ou o que andava a observar. Quero a vida dele toda à minha frente quando o turno chegar ao fim.

— Sim, chefe.

— Menina MacLean? Gostava de a levar para uma das salas de interrogatórios. O meu gabinete é um pouco apertado.

— Como queira. Não posso acreditar que isto aconteceu. Simplesmente não consigo compreender como *pôde* acontecer.

— Bem, nós vamos já falar disso. — *Para que fique registrado*, pensou Eve, enquanto conduzia Rue pela coelheira que era a Central até à sala de interrogatórios. — Eu gostava de gravar esta conversa — disse, gesticulando para que Rue entrasse na sala em forma de caixote que continha apenas uma mesa e duas cadeiras.

— Claro. Eu só quero ajudar.

— Sente-se. — Eve ativou o gravador. — Dallas, Tenente Eve, em entrevista com MacLean, Rue. O sujeito voluntariou-se a cooperar, para os registos, no caso Kohli, Taj. Homicídio. Agradeço a sua vinda aqui, Menina MacLean.

— Não sei o que lhe posso dizer que venha a ajudar.

— É gerente do clube em que Taj Kohli trabalhava como empregado de bar a tempo parcial?

Ela era mesmo o tipo de mulher que Roarke escolheria, pensou Eve. Esbelta, insinuante, adorável. Olhos profundos, púrpura, agora cheios de preocupação, que brilhavam como joias contra a pele cremosa.

As feições eram delicadas, quase elegantes, com uma centelha de aço na linha do queixo. Curvilínea, pequena e perfeitamente aprumada num fato de saia e casaco cor de ameixa que lhe contornava o corpo e mostrava umas belas pernas.

O cabelo era da cor de um raio de Sol e estava apanhado para trás de um modo que exigia uma confiança à prova de bala e uma boa estrutura óssea.

— Do Purgatório. Sim. Estou à frente do clube já há quatro anos.

— E antes disso?

— Era anfitriã de um pequeno clube na baixa. Antes disso era dançarina. Artista — acrescentou com um sorriso débil. — Decidi sair do palco e iniciar carreira na gerência, onde posso manter as roupas vestidas. O Roarke ofereceu-me a oportunidade para o fazer, primeiro no Trends, como anfitriã, depois como gerente do Purgatório. O seu marido valoriza a ambição, Tenente.

Aquela era uma perspectiva que não convinha aprofundar em gravação.

— Faz parte das suas funções no Purgatório contratar os empregados?

— Sim. Fui eu que contratei o Taj. Ele andava à procura de um emprego em tempo parcial. A mulher dele tinha acabado de ter um bebé e optou por ficar com o estatuto de mãe profissional. Ele precisava de algum dinheiro extra, estava disposto a fazer o turno da noite e uma vez que tinha um casamento feliz, era pouco provável que viesse a meter-se com as dançarinas.

— São esses os únicos requisitos para se trabalhar no Purgatório?

— Não, mas estes têm importância. — Rue levantou os dedos. Tinha um único anel, um trio de aros contorcidos uns nos outros como se fossem cobras, cravejados de pedras da cor dos olhos dela. — Ele sabia misturar as bebidas, sabia servir. Tinha bom olho para arruaceiros. Não sabia que ele era polícia. A ficha de candidatura dizia que trabalhava em segurança e a verificação confirmou-o.

— Em que empresa?

— Lenux. Eu mesma contactei o escritório, falei com o supervisor dele — bem, pelo menos assim presumi — e tive acesso à sua ficha de funcionário. Não tinha motivos para questionar nada disto e a folha de registos dele era fidedigna. Contratei-o duas semanas à experiência, ele fez o que devia fazer e a partir daí avançámos.

— Tem nos seus registos o contacto da Lenux?

— Tenho. — Rue expirou rapidamente. — Mas eu já tentei ligar. Desta vez, tudo o que consegui foi saber que o código tinha sido descontinuado.

— Mesmo assim gostava que me desse o contacto. Só para poder confirmar.

— Claro que sim. — Rue levou a mão ao saco e tirou uma agenda. — Não sei por que motivo não me disse que era polícia — disse, enquanto inseria o número de código na agenda eletrónica. — Talvez achasse que não o contratava. Mas quando se pensa que a dona é uma polícia...

— Eu não sou dona do clube.

— Pois não, bem. — Encolheu os ombros e entregou a agenda a Eve.

— Ele estava no clube depois do horário de fecho. Era normal?

— Não, embora não seja de todo invulgar. O habitual é o empregado de bar de serviço e um elemento da equipa de segurança fazerem o fecho do clube juntos. Na noite passada, o Taj era o chefe do grupo e de acordo com os meus registos, era a vez de Nester Vine estar a fechar com ele. Ainda não consegui contactar o Nester.

— Costuma estar no clube todas as noites?

— Estou cinco noites por semana. Tenho folgas aos domingos e segundas. Na noite passada estive lá até às duas e meia da manhã. A casa já estava a esvaziar e uma das raparigas estava a ter uma noite difícil. Problemas com o namorado. Levei-a a casa, segurei-lhe na mão durante algum tempo e depois fui para casa também.

— A que horas foi isso?

— A que horas fui para casa? — Rue pestanejou por instantes. — Por volta das três e meia, quatro menos um quarto, acho.

— Como se chama a mulher com quem esteve até essa hora?

— Mitzie. — Rue inspirou. — Mitzie Treacher. Tenente, da última vez que vi o Taj, ele estava vivo e a trabalhar no bar.

— Estou apenas a registar os factos, Menina MacLean. Tem alguma ideia do estado mental do Detetive Kohli, da última vez que o viu?

— Pareceu-me bem. Na noite passada não estava muito falador. Parei no bar algumas vezes para beber água mineral. Como vão as coisas, noite agitada, esse tipo de conversa. Deus. — Rue fechou os olhos com força. — Ele era um bom homem. Era calado, calmo. Ligava sempre à mulher durante o primeiro intervalo, para saber como ela estava.

— Usava o telefone do bar?

— Não. Nós desencorajamos o uso da linha do clube para os telefonemas pessoais, com exceção para as emergências. Ele usava o transmissor portátil.

— E usou-o na noite passada?

— Isso não sei. Mas usava-o sempre. Não posso dizer que reparei. Não, espere. — Desta vez fechou os olhos e pareceu deslizar um pouco. — Ele estava a comer uma sandes, na sala de pessoal. Recordo-me que passei por lá. A porta estava aberta. Ele estava a arrulhar. Estava a falar com a bebé — disse, voltando a abrir os olhos. — Recordo-me disso porque me pareceu tão querido e tolo, ouvir um matacão daquele tamanho a fazer barulhos de bebé para o transmissor. É importante?

— Estou apenas a tentar formar uma imagem. — Eve recordou-se que não havia nenhum transmissor portátil no corpo nem perto dele. — Reparou em alguém em especial que tenha aparecido ontem à noite, ou em qualquer outra noite em que ele estivesse de serviço? Alguém que ele conhecia, que se mantinha no bar junto dele?

— Não. Temos alguns clientes regulares, claro. Pessoas que nos visitam várias vezes por semana. O Taj já estava tão bem no trabalho que decorava as bebidas que pediam habitualmente. Os clientes gostam disso.

— Ele dava-se especialmente bem com algum colega de trabalho?

— Nem por isso. Como disse, ele era um sujeito calado. Suficientemente amigável, mas não se dava com ninguém em particular. Fazia aquilo que os empregados de bar fazem. Observava, ouvia.

— Mantém um tacho de metal atrás do bar?

— É legal — disse Rue rapidamente, depois empalideceu. — Foi com isso que o...

— O Taj alguma vez teve oportunidade de o usar ou de ameaçar alguém com ele?

— Ele nunca o usou. — Esfregou a parte superior do peito com a palma da mão em longos e calmantes movimentos. — Acho que deve ter pegado nele uma ou duas vezes. Bateu com ele no bar para desencorajar alguma briga. É quase sempre o suficiente, principalmente quando se trata de um homem com o tamanho dele. O clube é um lugar requintado. É muito

raro termos problemas sérios. Eu dirijo uma casa limpa, Tenente. O Roarke não tolera nada menos que isso.

O relatório preliminar foi claro e, para Eve, insatisfatório. Ela tinha os factos. Um polícia morto, espancado até à morte com uma ferocidade desnecessária e uma destruição selvagem do espaço que apontava para um viciado sob o efeito de Zeus ou de alguma combinação de substâncias ilegais. Uma tentativa descuidada de disfarçar com o que aparentava ser um assalto, um transmissor portátil desaparecido e trinta fichas de crédito espalhadas.

A vítima estava aparentemente a trabalhar por fora para ajudar no orçamento familiar, não tinha manchas nem recomendações nos registos de serviço, era acarinhado pelos colegas de trabalho e amado pela família. Não tinha, pelo menos tanto quanto Eve descobrira, vivido acima dos seus meios, não se envolvera em relações extraconjugais, nem estivera envolvido num caso quente que pudesse ter levado à sua morte.

À superfície, parecia apenas falta de sorte. Mas raios a partissem se aquilo a convencia.

Puxou a fotografia do cartão dele para o ecrã e observou-a. Era um tipo grande, com uma expressão orgulhosa nos olhos. O maxilar firme, ombros largos.

— Alguém te quis apagar, Kohli. Quem é que tu irritaste?

Eve mexeu-se, levantou-se mais uma vez.

— Computador, calcular probabilidade. Ficheiro de caso atual, esquematizando a causa de morte e o relatório preliminar do médico-legista, inserir o relatório da principal sobre a vítima. Qual era a probabilidade de a vítima Kohli conhecer o seu atacante?

A calcular... A probabilidade, dadas as informações do relatório da principal é de noventa e três ponto quatro por cento em como a vítima Kohli conhecia o seu atacante.

— Pois, bem, para mim é o suficiente. — Eve inclinou-se para a frente, entrelaçou os dedos no cabelo. — Quem é que os polícias conhecem? Outros polícias, doninhas, criminosos, família. Vizinhos. Quem é que os empregados de bar conhecem? — Deu uma pequena gargalhada. — Toda a gente, porra. Que chapéu estava a usar no encontro desta madrugada, Detetive?

— Tenente? — Peabody enfiou a cabeça pela porta. — Tenho o caso atual do Kohli a carregar. Não há registos de pedidos dele para aceder a outros casos que não os diretamente disponíveis no sistema aberto. Também

fiz uma pequena viagem nas finanças. Tudo o que tem está no nome dele e da mulher, por isso precisamos de um mandado ou da autorização da esposa para observar os registros.

— Eu trato disso. Registos completos de serviço?

— Aqui mesmo. Nada de especial me chamou a atenção. Esteve envolvido numa grande operação há cerca de seis meses. Um traficante qualquer chamado Ricker.

— Max Ricker?

— Sim. O Kohli estava muito abaixo na cadeia de poder. Não recebeu crédito, quem recebeu foram o Tenente Mills e a Detetive Martinez. Conseguiram relacionar um armazém de substâncias ilegais a Ricker, fizeram com que fosse acusado, mas ele acabou por escapar. Ainda assim, apanharam outros seis do cartel.

— O Ricker não é o tipo de homem que dê cabo da manicura com sangue no verniz. Mas não pensava duas vezes antes de pagar a um assassino, mesmo que fosse para matar um polícia.

E aquela ideia deu-lhe uma pequena pontada de entusiasmo.

— Descubra se Kohli testemunhou. Parece-me que isto chegou a tribunal antes que todo este assunto se tenha perdido nos detalhes. Verifica qual foi a contribuição dele na detenção. Pedir os dados à Capitão Roth e se ela te dificultar a vida, manda-a falar comigo. Eu estou com o Comandante.

O Comandante Whitney estava de pé junto da janela enquanto Eve lhe fazia o relato do ponto da investigação. Tinha as grandes mãos juntas atrás das costas e olhava para o tráfego aéreo.

Um dos novos Varredores de Nuvens passou suficientemente perto dele para que conseguisse ver a cor dos olhos do jovem piloto, em direta violação das regras de trânsito.

Corajoso, pensou Whitney distraidamente, *e estúpido*, acrescentou quando ouviu o apito sonoro e agudo da patrulha aérea.

Foste apanhado, pensou. Devia ser sempre assim fácil fazer cumprir a lei.

Quando Eve ficou em silêncio atrás dele, Whitney virou-se. O seu rosto era escuro e largo, o cabelo cortado curto à militar, com fios grisalhos pelo meio. Era um homem grande com olhos calmos e sóbrios, que passara a primeira metade da sua carreira nas ruas. Embora estivesse a gastar a segunda metade atrás de uma secretária, não se tinha esquecido do que significava andar com uma arma no coldre.

— Antes de comentar o seu relatório, Tenente, quero informá-la de que estive envolvido em comunicações com a Capitão Roth da Um vinte e

oito. Ela fez um pedido formal para que o homicídio de Kohli fosse transferido para a sua divisão.

— Sim, senhor. Ela informou-me que ia fazê-lo.

— E a sua opinião sobre o pedido?

— É compreensível. E emocional.

— Concordo. — Ele aguardou um instante e inclinou a cabeça. — Não me perguntou se pretendo autorizar o pedido da Capitão Roth.

— Não há uma razão tática para que o faça e se tivesse decidido colocar a investigação nas mãos da Capitão Roth, então tinha-me dito logo.

Whitney comprimiu os lábios, depois virou-se novamente para a janela.

— Está correta em ambas as suposições. A investigação continua a seu cargo. O caso é emocional, Tenente. Para a divisão da Capitão Roth e para todos os polícias do Departamento de Polícia e Segurança de Nova Iorque. É difícil quando um de nós é atacado, apesar de todos nós conhecermos os riscos. Mas a natureza desta morte eleva o assunto a um outro nível. A violência excessiva não condiz com um assassino profissional.

— Não. Mas eu ainda não descartei a possibilidade. Se o Ricker estiver envolvido, quem quer que contratou podia estar sob o efeito de substâncias ilegais ou ter recebido instruções para o fazer de forma confusa. Ainda não sei que tipo de polícia era o Kohli, Comandante. Se era tolo o suficiente, ou destemido o suficiente para se colocar numa posição vulnerável perante um dos paus-mandados de Ricker. Tenho a Peabody a esgravatar os registos dele e dos casos em que esteve envolvido. Preciso de saber de quem era próximo, os nomes das doninhas e como estava envolvido na investigação e julgamento do Ricker.

— Não é a primeira vez que se suspeita que o Ricker encomendou a morte de um polícia. Mas ele costuma ser mais subtil.

— Houve qualquer coisa de pessoal nisto, Comandante. Fosse pelo distintivo ou pelo próprio Kohli, ainda não sei. Mas foi muito pessoal. O Roarke é o dono do clube — acrescentou.

— Sim, ouvi dizer que sim. — Whitney virou-se novamente, passou os olhos pelo rosto dela e dirigiu-se à secretária. — É pessoal em todos os aspetos, Tenente?

— Vai ser mais rápido e mais fácil obter as informações acerca do clube, dos empregados e dos clientes. A gerente já se apresentou voluntariamente para interrogatório. O facto de Kohli ter ocultado a sua ligação à Polícia de Nova Iorque faz-me questionar se estava a trabalhar sob disfarce ou por conta própria. Ele apresentou-se deliberadamente com informações erróneas e conseguiu até arranjar quem o encobrisse. Não há indicação de que estivesse a trabalhar infiltrado para o departamento, por isso devia ser officioso.

— Não tenho qualquer conhecimento de uma investigação, oficial ou não, que exigisse a presença do Detetive Kohli sob disfarce no Purgatório. Mas vou aprofundar a questão com a Capitão Roth. — Levantou uma mão antes que Eve pudesse objetar. — Será mais pacífico se esse inquérito em particular partir deste gabinete em vez de si, Dallas. Vamos manter as coisas pacíficas.

— Sim, chefe. — Mas estava aborrecida com aquilo. — Preciso de um mandado para aceder aos registos financeiros de Kohli. Tudo o que ele tinha era em comunhão com a esposa. E nesta altura prefiro não pedir autorização à Sra. Kohli.

— Ou alertá-la antes que possam ser examinadas — acrescentou ele. Abriu as mãos em cima da secretária. — Acha que ele estava a aceitar subornos?

— Gostava de eliminar esse ângulo, chefe.

— Faça isso — ordenou ele. — Mas faça-o pela calada. Eu arranjo-lhe o mandado. E você apanha este assassino de polícias.

Eve passou o resto do dia a examinar os registos de Kohli, familiarizando-se com os casos em que ele trabalhara, tentando entender o homem. O polícia.

O que viu foi um agente mediano que desempenhava a sua função com normalidade, embora um pouco abaixo do seu potencial. Era raro faltar um turno e igualmente raro fazer horas extra.

Nunca usara a arma com a carga máxima e por isso nunca fora submetido a Testes extensos. Ainda assim, resolvera ou estivera envolvido na resolução de um bom número de casos e os relatórios sobre os casos fechados ou sobre os ainda abertos eram eficientes, cuidadosamente escritos e minuciosos.

Aquele era o tipo de homem, pensou Eve, que seguia as regras, fazia o trabalho dele, depois ia para casa e colocava o resto do dia atrás das costas.

Como?, questionou-se. *Como diabo conseguia ele fazer isso?*

O seu registo militar era semelhante. Não tinha problemas, nem brilho. Alistou-se com vinte e dois anos, serviu durante seis anos, os dois últimos na polícia militar.

Os pontos estavam todos nos *is*. Para Eve, aquela era uma vida absolutamente normal. Quase demasiado perfeita.

Na chamada que fez para Nester Vine, que trabalhava no Purgatório, conseguiu apenas falar com a mulher de ar aborrecido, que informou Eve de que Vine tinha ido para casa na noite anterior, depois de o turno acabar, a sentir-se muito mal. Ela própria tinha acabado de chegar do hospital para

onde tinha levado o marido às três da manhã, por causa do que se veio a revelar ser uma apendicite.

No que dizia respeito a álibis, aquele era uma beleza. A única dica que conseguiu arrancar à Sra. Vine foi que podia entrar em contacto com uma stripper chamada Nancie, que aparentemente tinha ficado com Kohli depois de este insistir para que Vine fosse para casa.

Ainda assim, Eve contactou o hospital e verificou que um Nester Vine tinha sido realmente operado de urgência a uma apendicite, no início da madrugada.

Posso riscar o Nester, pensou, e colocar a stripper na lista de pessoas com quem tinha de falar.

As chamadas que fez para o Tenente Mills e a Detetive Martinez não tiveram resposta. No campo e indisponível foram as justificações que obteve. Deixou uma mensagem a cada um deles, juntou os ficheiros e preparou-se para ir para casa.

La dar uma vista de olhos às finanças de Kohli naquela noite.

Encontrou Peabody no seu cubículo da esquadra a tratar da papelada relativa ao caso.

— Deixa o resto para amanhã. Vai para casa.

— Sim? — O rosto de Peabody iluminou-se enquanto olhava para a unidade de pulso. — Também está quase na hora. Tenho um jantar com o Charles, às oito. Assim tenho um tempinho para me arranjar.

Quando a resposta de Eve foi um grunhido, Peabody sorriu.

— Sabes qual é o problema em conciliar dois tipos?

— Consideras o McNab um tipo?

— Num dia bom, ele é um contraste agradável em relação ao Charles. De qualquer maneira, sabes qual é o problema em andar com os dois ao mesmo tempo?

— Não, Peabody, qual é o problema em andar com os dois ao mesmo tempo?

— Nenhum.

Com uma grande gargalhada, Peabody pegou no saco e saiu do cubículo.

— Até amanhã.

Eve abanou a cabeça. Um homem, decidiu, já dava trabalho suficiente para o seu gosto. E se conseguisse sair já da Central, talvez conseguisse chegar a casa primeiro que ele, para variar.

Numa espécie de um teste, tentou esvaziar a mente de todos os detalhes relacionados com o caso. O trânsito estava suficientemente complicado para manter a cabeça ocupada e a explosão atual dos cartazes mostrava um pou-

co de tudo, desde a moda para a primavera até ao último carro desportivo que fora lançado no mercado.

Quando viu um rosto familiar a passar num dos ecrãs animados, quase dava um encosto ao carro aéreo que ia ao seu lado.

Mavis Freestone, com o cabelo numa perfeita confusão de espinhos coloridos, rodopiava sobre a Rua Trinta e quatro. Agitava-se e volteava no meio de umas atrevidas e habilmente posicionadas faíscas de azul-elétrico. O cabelo mudava de cor com cada movimento, do vermelho para o dourado e até um verde ofuscante.

Era mesmo como Mavis, pensou Eve com um sorriso tolo no rosto.

— Cristo, Mavis. Olhem-me bem para aquilo. Que pontapé no rabo.

Um longo caminho. A sua amiga mais antiga tinha percorrido um longo caminho desde que era uma profissional de rua que Eve tinha detido em certa ocasião, passara por ser artista em clubes de terceira categoria e agora era uma estrela musical de pleno direito.

Musical, pensou Eve, *no sentido mais lato do termo*.

Levou a mão ao transmissor do carro, com a ideia de ligar a Mavis e de lhe dizer para onde estava a olhar, quando o transmissor pessoal tocou.

— Sim — respondeu, sem conseguir tirar os olhos do cartaz, mesmo quando vários condutores impacientes lhe buzinaaram. — Dallas.

— Olá, Dallas.

— Webster. — Os ombros de Eve ficaram imediatamente tensos. Podia conhecer Don Webster a um nível pessoal, mas nenhum polícia gostava de receber uma transmissão dos Assuntos Internos. — Por que motivo estás a ligar-me para o meu transmissor pessoal? Os AI exigem a utilização dos canais oficiais.

— Estava com esperanças de poder falar contigo. Tens uns minutos?

— Já estás a falar comigo.

— Cara a cara.

— Porquê?

— Vá lá, Dallas. Dez minutos.

— Estou a caminho de casa. Contacta-me amanhã.

— Dez minutos — repetiu ele. — Encontramo-nos no parque que fica mesmo em frente à tua casa.

— Isto diz respeito aos AI?

— Vamos conversar. — Webster sorriu-lhe com uma expressão vencedora que só fez aumentar a desconfiança de Eve. — Encontramo-nos lá. Estou mesmo atrás de ti.

Eve semicerrou os olhos, olhou pelo espelho retrovisor e viu que ele estava a falar literalmente. Sem mais uma palavra, interrompeu a transmissão.

Não parou junto dos portões de casa, continuando durante mais um quarteirão e meio, por uma questão de princípio — depois fez questão de encontrar o único lugar de estacionamento conveniente antes de parar.

Não a surpreendeu quando Webster se limitou a estacionar em dupla fila e, ignorando os olhares pretensivos de um elegante casal e dos seus três igualmente sofisticados galgos afegãos, ligou a luz de Em Serviço, juntando-se a ela na berma.

O sorriso dele sempre tinha sido uma arma acessível e Webster usava-o agora, mantendo uma expressão amigável nos olhos azuis-claros. O rosto era magro, anguloso e iria provavelmente ser classificado como sábio quando envelhecesse. O cabelo castanho-escuro ondulava um pouco e estava cortado de modo a favorecer os seus traços.

— Subiste bem na vida, Dallas. Isto é cá um bairro...

— Sim, fazemos festas de bairro todos os meses e divertimo-nos à maluca. O que queres, Webster?

— Como vai a vida? — perguntou ele casualmente, enquanto começava a caminhar em direção ao relvado luxuriante e às árvores ainda tenras com a primavera.

Tentando manter a calma, Eve enfiou as mãos nos bolsos e acompanhou os passos dele.

— Vai bem. E a tua?

— Não me posso queixar. Está uma noite agradável. Uma pessoa tem de adorar a primavera em Nova Iorque.

— Então e os Yankees? Pronto, isto é capaz de concluir o capítulo da conversa da treta. O que queres?

— Nunca foste grande adepta da conversa. — Webster recordava-se muito bem da única vez que tinha conseguido levá-la para a cama; não tinham falado de todo. — Porque não arranjamos um banco para nos sentarmos? Como disse, está uma noite agradável.

— Não quero encontrar banco nenhum. Não quero um cachorro de soja e não quero falar contigo sobre o tempo. Quero ir para casa. Por isso se não tens nada mais interessante para dizer, é isso mesmo que vou fazer.

Eve virou-se e deu três passos.

— Tu estás com o homicídio do Kohli.

— É verdade. — Virou-se para ele e o seu sistema de alarme interior deu sinal vermelho. — O que tem isso a ver com os AI?

— Eu não disse que tinha a ver com os AI, a não ser que fizemos a verificação habitual sempre que um polícia é abatido.

— A verificação habitual não costuma incluir uma reunião privada com a investigadora principal do caso, fora do horário de trabalho.

— Nós já nos conhecemos doutras coisas. — Levantou a mão. — Carças, já nos conhecemos desde a Academia. Pareceu-me mais amigável assim.

Manteve os olhos fixos nos dele enquanto se encaminhava para ele até ficarem quase com os pés encostados.

— Não me insultes, Webster. Onde é que os AI entram na minha investigação?

— Escuta, eu vi o relatório preliminar. Este caso é difícil. Difícil para o departamento, para a divisão dele, para a família.

Alguma coisa começou a ligar-se no cérebro dela.

— Conhecias o Kohli?

— Não exatamente. — Webster fez um sorriso débil, um pouco amargurado. — A maior parte dos detetives não está muito interessado em socializar com o pessoal dos Assuntos Internos. É engraçado como todos franzimos o sobrolho perante um polícia corrupto, mas ninguém quer dar-se de abraço com os polícias que os descobrem.

— Estás a dizer-me que o Kohli era corrupto?

— Não estou a dizer nada disso. Não teria a leviandade de discutir uma investigação interna contigo, se essa investigação interna existisse.

— Tretas, Webster. És só tretas. Eu tenho um polícia morto. Se ele estava envolvido em alguma coisa suja, preciso de saber.

— Não posso discutir as investigações dos AI contigo. Mas tive conhecimento de que andaste a abrir os registos financeiros dele.

Eve hesitou durante uns instantes, porque estava prestes a explodir.

— Eu não posso discutir uma investigação de homicídio contigo. Mas por que motivo uma parte dos procedimentos dessa investigação foram chamar a atenção do Esquadrão das Ratazanas?

— Agora estás a tentar irritar-me. — Webster manteve a compostura, encolheu ligeiramente os ombros. — Pensei que podia dar-te apenas a dica, não oficialmente e de um modo amistoso, que o departamento, como um todo, ficará melhor se esta investigação for fechada rápida e silenciosamente.

— O Kohli estava envolvido com o Ricker?

Desta vez um músculo contraiu-se no rosto de Webster, mas a voz continuou calma.

— Não sei do que estás a falar. Andar a vasculhar nos registos financeiros do Detetive Kohli é um beco sem saída, Dallas, e só vai perturbar a família dele. O homem foi morto quando estava fora de serviço.

— Um homem foi espancado até à morte. Um polícia. Uma mulher ficou viúva. Duas crianças perderam o pai. E isso deve interessar menos porque aconteceu enquanto ele não estava de serviço?

— Não. — Teve a graciosidade, ou a esperteza, de parecer constrangido. Depois desviou os olhos. — Mas foi assim que as coisas se passaram. Não há mais nada a dizer.

— Não me digas como fazer o meu trabalho, Webster. Nunca tenhas a ousadia de me dizer como conduzir a investigação de um homicídio. Tu desististe do trabalho de polícia. Eu não.

— Dallas. — Webster alcançou-a antes que ela chegasse à berma. Agarrou-lhe no braço e preparou-se para a tempestade que viria na sua direção quando ela se virasse.

Em vez disso, Eve fitou os olhos dele, com os seus frios, inexpressivos, vazios.

— Tira daí a mão. Agora.

Ele obedeceu, enfiando a mão no bolso.

— Estou apenas a tentar dizer-te que os AI querem este caso encerrado sem ondas.

— O que te faz pensar que me importo um pouco que seja com o que os AI querem? Se tens alguma coisa para me dizer a respeito da minha investigação do homicídio do Detetive Taj Kohli, podes fazê-lo através dos canais oficiais. Não voltes a seguir-me, Webster. Nunca mais.

Eve entrou no carro, esperou por uma aberta no trânsito ligeiro e fez inversão de marcha.

Ele observou-a a percorrer a rua, depois a virar para os portões altos do mundo onde agora vivia. Inspirou profundamente, três vezes, e quando isso não resultou, pontapeou com toda a força o pneu de trás do carro.

Odiava o que tinha acabado de fazer. E mais do que isso, odiava saber que nunca a tinha conseguido esquecer.

Quando entrou de rompante no caminho de acesso à grandiosa casa de pedra que Roarke tinha tornado o seu lar, Eve estava a fumar.

Lá se foi a intenção de deixar o trabalho à porta de casa, pensou. Que diabo devia uma pessoa fazer quando o trabalho a seguia até à soleira da porta? O Webster estava a tramar alguma, o que significava que havia outros interesses naquele caso, interesses dos AI.

Naquele momento tinha de se acalmar para conseguir filtrar o aborrecimento de ter sido seguida por ele. Era mais importante descobrir o que ele lhe tentara dizer. E mais importante ainda, calcular o que ele tinha tido tanto cuidado para não dizer.

Deixou o carro na extremidade do caminho de acesso, porque gostava daquele lugar e porque aborrecia o mordomo pomposo de Roarke, o consistentemente irritante Summerset.

Agarrou no saco onde tinha os ficheiros e estava a meio caminho nos degraus quando parou. Expeliu deliberadamente um longo e purificante sopro, virou-se e sentou-se simplesmente nos degraus.

Estava na altura de experimentar qualquer coisa nova, decidiu. Era tempo de se sentar e apreciar a agradável noite de primavera, a deslumbrante simplicidade das árvores em flor e dos arbustos que se espalhavam pelo relvado, espetados em direção ao céu. Vivia ali há quase um ano e era raro, muito raro, tirar tempo para observar. Tempo para apreciar o que Roarke tinha construído e o estilo com que o fizera.

A própria casa com a sua extensão, torres e a deslumbrante quantidade de vidros era um monumento ao bom gosto, à riqueza e ao conforto elegante. Havia demasiadas salas para contar cheias de obras de arte, antiguidades e todos os prazeres e conveniências que um homem podia querer ter à disposição.

Mas os jardins, pensava, eram de um nível diferente. Aquele era um homem que precisava de espaço, que o exigia. E que o comandava. Mas ao mesmo tempo, era um homem que sabia apreciar a beleza simples de uma flor que iria florescer e murchar durante a estação.

Roarke decorara os jardins com esse tipo de flores, com árvores que sobreviveriam aos dois, com arbustos que se espalhavam e erguiam. E rodeou tudo com muros altos de pedra, portões de ferro e um sistema de segurança rígido para manter a cidade no exterior.

Mas ainda estava ali, a cidade, a farejar as esquinas como um cão esfomeado e inquieto.

Esta era uma parte. Uma parte da dualidade de Roarke. E, achava, também dela.

Ele tinha crescido nos becos e casas baratas de Dublin e sempre fizera o que fosse necessário para sobreviver. Eve tinha perdido a infância, e as centelhas de memória que surgiam, as imagens do que tinha sido, do que tinha feito para escapar, assombravam a mulher em que se transformara.

O amortecedor dele contra o passado era o dinheiro, o poder, o controle. O dela era o distintivo. Havia poucas coisas que qualquer um deles não fizesse, não tivesse feito, para manter esse amortecedor no sítio. Mas de algum modo, os dois juntos eram... normais, decidiu Eve. Tinham formado um casamento e um lar.

Era por esse motivo que conseguia sentar-se nos degraus daquela casa, com toda a fealdade do dia a desvanecer-se do seu coração, e ficar ali, a ver as flores a dançar na brisa. E a esperar por ele.

Observou o longo carro preto a deslizar silenciosamente em direção à casa. Esperou que Roarke saísse do banco de trás, que desse uma palavra ao motorista. À medida que o carro se afastava, ele caminhou para ela com aquele seu modo, com os olhos fixos no rosto de Eve. Nunca ninguém olhara assim para ela. Como se não existisse mais nada nem mais ninguém.

Não importava quantas vezes ele o fazia, bastava aquele olhar longo e concentrado para fazer com que o coração dela batesse mais depressa.

Roarke sentou-se ao lado dela, pousou a pasta e inclinou-se da mesma maneira que Eve estava inclinada.

— Olá — disse ela.

— Olá. Está uma noite linda.

— Pois está. As flores estão bonitas.

— Estão, sim. É a renovação da primavera. Um cliché, mas continua a ser verdade, como acontece com a maior parte dos clichés. — Passou uma mão pelo cabelo dela. — O que estás a fazer?

— Nada.

— Exatamente. Isso é muito pouco característico da tua pessoa, querida Eve.

— É uma experiência. — Cruzou as botas marcadas pelos tornozelos. — Estou a ver se consigo deixar o trabalho na Central.

— E como está a correr?

— Está a ser basicamente um fracasso. — Ainda com a cabeça inclinada para trás, fechou os olhos e tentou recapitular um pouco. — Estava a correr bem enquanto vinha para casa. Vi o cartaz da Mavis.

— Ah, sim. É francamente espetacular.

— Não me tinhas dito nada.

— Porque só foi colocado em exibição hoje. Achei que ias vê-lo a caminho de casa e que ia ser uma boa surpresa.

— E foi. — Recordar-se dela trouxe-lhe o sorriso de volta aos lábios.

— Quase abalroava um carro aéreo e estava ali sentada a sorrir com o cartaz, prestes a ligar-lhe, quando recebi uma transmissão.

— Então o trabalho meteu-se no meio.

— Mais ou menos. Era o Webster. — Porque o sorriso voltara a desaparecer e Eve estava agora a franzir o sobrolho para as árvores, não reparou na ligeira tensão que se apoderou do corpo de Roarke. — O Don Webster, dos Assuntos Internos.

— Sim, recordo-me dele. O que é que ele queria?

— Ainda estou a tentar perceber. Ligou-me para o transmissor particular e pediu que me encontrasse com ele em privado.

— Não me digas? — murmurou Roarke, com a voz enganadoramente meiga.

— Ele fez o impossível para que isso acontecesse, seguiu-me desde a Central. Encontrei-me com ele a pouco mais de um quarteirão daqui e depois de acabar com as tentativas de ser simpático, começou a apresentar-me uma história sobre o caso Kohli.

Só de pensar novamente naquilo fazia com que o sangue de Eve ficasse a ferver.

— Disse-me que os AI querem que este caso seja encerrado sem ondas, que não gostam da ideia de eu ir verificar os registos financeiros de Kohli. Mas ele recusa-se a confirmar ou a negar o que quer que seja. Afirmou que era apenas uma dica amistosa e oficiosa.

— É acreditaste nele?

— Não, mas também não sei bem o que ele me está a querer dizer. E não gosto nada de ter os dedos pegajosos dos AI a escarafunchar nos ficheiros do meu caso.

— O tipo tem um interesse pessoal em ti.

— O Webster? — Eve olhou para ele, surpreendida. — Não tem nada. Nós tivemos uma cena fugaz numa noite há uns anos. Essa noite marcou o início e o fim da ligação.

Para ti, talvez, pensou Roarke, mas não insistiu.

— De qualquer maneira, não consigo perceber se o encontro foi mesmo para falar do Kohli ou se tem mais a ver com a ligação ao Ricker.

— Max Ricker?

— Sim. — Os olhos de Eve tornaram-se mais aguçados. — Tu conhece-lo. Eu devia ter adivinhado.

— Conhecemo-nos, sim. Qual é a ligação?

— O Kohli trabalhava na equipa que deteve o Ricker há cerca de seis meses. Não era um membro chave da equipa, e o Ricker acabou por escapar às acusações, mas mesmo assim tudo aquilo lhe custou muito tempo e dinheiro. Será possível que o Ricker tenha contratado pessoal e esteja a recuperar um pouco o tempo perdido, mandando matar alguns polícias?

— O que vi hoje no Purgatório não me pareceu o estilo do Ricker.

— Não acho que ele fosse deixar as suas impressões digitais numa coisa daquelas.

— É verdade. — Roarke ficou em silêncio durante um instante. — Queres saber se alguma vez tive negócios com ele.

— Não estou a perguntar-te isso.

— Estás sim. — Pegou na mão dela, deu-lhe um beijo leve e depois levantou-se. — Vamos dar um passeio.

— Trouxe o trabalho para casa comigo. — Eve deixou que ele a pusesse e sorriu. — Lá se vai a experiência. É melhor ir despachar o que tenho para fazer.

— Vais trabalhar melhor depois de esclarecermos isto. — Roarke manteve a mão dela entre a dele e começou a atravessar o relvado.

A brisa tinha arrancado algumas das pétalas das árvores que agora estavam caídas por cima da relva como se fossem flocos de neve cor-de-rosa e brancos. As flores, canteiros inteiros delas que Eve não sabia nomear, caíam por fora dos leitos em suaves tons de azuis esbatidos e brancos brilhantes. Chegavam-lhe ao nariz os aromas suaves e frágeis, a doçura do campo.

Ele curvou-se, arrancou uma tília, a flor tão perfeita como se tivesse sido esculpida em cera branca, e entregou-a a Eve.

— Há alguns anos que não vejo nem negoçoio com Max Ricker. Mas houve uma altura em que tivemos alguns negócios em comum.

Eve segurou na tília e ouviu a cidade a farejar ao portão.

— Que tipo de negócios?

Ele parou, inclinou a cabeça dela para trás de modo a que os olhos de ambos se cruzassem. Depois viu, com tristeza, que os dela estavam perturbados.

— Antes de mais nada, deixa-me dizer que nem mesmo uma pessoa com o meu... vamos chamar-lhe paladar eclético para os negócios... tem gosto por determinadas atividades. Sendo assassinatos contratados uma dessas atividades. Nunca matei por ele, Eve, e já agora por mais ninguém a não ser por mim próprio.

Ela voltou a acenar com a cabeça.

— Não vamos falar disso agora.

— Muito bem.

Mas já tinham ido longe de mais para voltarem atrás agora. Eve caminhou ao lado dele.

— Substâncias ilegais?

— Houve uma altura no início da minha carreira em que não podia... Não — corrigiu, sabendo que a honestidade era vital. — Em que não era particularmente seletivo em relação aos produtos que me passavam pelas mãos. Sim, de vez em quando lidava com substâncias ilegais e alguns desses negócios incluíam o Ricker e a sua organização. A última vez que fizemos negócios juntos foi... Cristo, há mais de dez anos. Eu não apreciava as práticas negociais dele e já tinha chegado a um ponto em que não me sentia obrigado a negociar com quem não me agradava.

— Está bem.

— Eve. — Manteve as mãos no rosto dela e os olhos fixos nos dela. — Quando te conheci, a maior parte dos meus negócios era legítima. Fiz essa escolha há muito tempo, porque era o mais adequado para mim. Depois de te conhecer, dispensei ou reestruturei todos os interesses que ainda pudessem ser questionáveis. Fi-lo porque sei que é o mais adequado para ti.

— Não precisas de me dizer o que já sei.

— Pois acho que neste momento preciso de o fazer. Há muito pouca coisa que não era capaz de fazer por ti. Mas não posso mudar o meu passado ou o que me trouxe até aqui, nem o faria se pudesse.

Ela baixou os olhos para a tília, perfeita e pura. Depois voltou a olhar para ele. Deus sabia que não era puro, mas, para ela, era perfeito.

— Eu não ia querer que mudasses nada. — Colocou as mãos nos ombros dele. — Estamos bem.

Mais tarde, depois de partilharem o jantar, durante o qual ambos tiveram o cuidado de não falar do trabalho de um e de outro, Eve sentou-se no escritório de casa e começou a estudar os dados financeiros de Taj e Patsy Kohli.

Observou-os sob diferentes perspetivas, bebeu três chávenas de café, chegou a algumas conclusões, depois levantou-se. Bateu suavemente na porta que ligava o seu escritório ao de Roarke e entrou.

Ele estava em frente à consola e pelo que pôde perceber, falava com alguém em Tóquio. Levantou uma mão, fora do alcance do ecrã, pedindo-lhe para aguardar.

— Lamento que essa projeção não se adeque às minhas necessidades atuais, Fumi-san.

— A projeção é, naturalmente, preliminar e negociável.

A voz que se ouvia na transmissão de secretária era calma, mas não tão calma como a expressão suave e educada do marido, pensou Eve.

— Então talvez a possamos discutir um pouco mais à frente, quando os valores não forem preliminares.

— Sentir-me-ia honrado em discutir o assunto consigo em pessoa, Roarke-san. Os meus associados são da opinião que uma negociação tão delicada seria mais bem cuidada desta forma. Tóquio é uma cidade adorável durante a primavera. Talvez possa visitar a minha cidade, a convite nosso, num futuro muito breve.

— Lamento que tal viagem, por muito apelativa que seja, seja também impossível de realizar, dados os meus compromissos atuais. Contudo, teria todo o prazer em encontrar-me consigo ou com qualquer um dos seus associados em Nova Iorque. Se for possível para vocês, basta que contacte a minha administradora. Ela ficará encantada por o assistir em qualquer detalhe necessário à viagem.

Seguiu-se uma breve pausa.

— Muito obrigado pelo seu gracioso convite. Vou consultar os meus associados e contactá-lo através da sua administradora o mais depressa possível.

— Fico ansiosamente à espera. *Domo*, Fumi-san.

— O que vais comprar agora? — perguntou Eve.

— Isso ainda se vai ver, mas o que achas de ser dona de uma equipa japonesa de basebol?

— Eu gosto de basebol — respondeu Eve um instante depois.

— Pois então. O que posso fazer por si, Tenente?

— Se estás ocupado a comprar equipas desportivas, pode esperar.

— Não estou a comprar nada, pelo menos não enquanto as negociações não estiverem encerradas. — O lobo entrou nos seus olhos. — E eles estiverem no meu território.

— Muito bem, primeiro uma pergunta. Se eu recusasse discutir qualquer parte do meu trabalho contigo ou da minha atividade profissional, o que farias?

— Dava-te um par de estalos, naturalmente. — Quando Eve deu uma gargalhada, Roarke levantou-se, divertido. — Mas imagino que podemos ambos ser poupados a esse infeliz evento, uma vez que a pergunta não se aplica. Por isso, por que perguntas?

— Deixa-me colocar as coisas noutros termos, uma vez que estou aterrorizada com a possibilidade de levar um par de estalos. Será que duas pessoas podem ser casadas, viver na mesma casa, ter um casamento sólido e uma delas não fazer a mais pálida ideia do que a outra faz na vida profissional?

Quando ele se limitou a erguer o sobrolho, Eve praguejou.

— Não se aplica a ti. Ninguém consegue estar a par da tua vida pro-

fissional. Além de que eu sei algumas coisas que tu fazes. Compras praticamente tudo a que consegues deitar as mãos; produzes e vendes quase todos os produtos conhecidos do homem. Ainda agora estavas a ponderar comprar uma equipa japonesa de basebol. Estás a ver?

— Meu Deus, a minha vida é um livro aberto. — Roarke contornou a secretária. — Mas voltando à tua questão, sim, presumo que seja possível que duas pessoas vivam juntas sem saber em que consiste o trabalho ou os interesses exteriores do outro, pelo menos não detalhadamente. E se eu gostasse de pescar?

— Pescar?

— Por exemplo. Vamos teorizar que a pesca era uma paixão minha e que vou com frequência passar fins de semana no Montana para praticar pesca de isco. No meu regresso, irias prestar atenção às descrições de todos os lançamentos e pescarias que eu tivesse feito?

— Pescar? — repetiu Eve, fazendo-o rir.

— E acabaste de confirmar a minha teoria. Por isso, sim, à tua pergunta. Agora, porque perguntas isso?

— Estava apenas a tentar compor uma imagem. De qualquer maneira, uma vez que és capaz de te sentir tentado a bater-me com o cinto — e depois eu tinha de dar cabo de ti —, estou disposta a partilhar alguns aspetos da minha vida profissional contigo. Que tal se dermos uma vista de olhos a uma coisa?

— Vamos lá. Mas tu não eras capaz de dar cabo de mim.

— Era e já o fiz.

— Só por meio de batota — disse ele, caminhando ao lado dela até ao escritório.

Eve tinha deixado os registos financeiros no ecrã. Roarke apoiou uma anca na secretária dela, inclinou a cabeça e passou os olhos pelos documentos.

Ambos sabiam que olhar para números era como respirar para Roarke. Sentia-se simplesmente atraído por eles.

— São os valores normais para um estilo de vida de classe média — comentou. — Tem pagamentos de rendas razoáveis, feitos de modo ordenado. Pagamentos do veículo e custos de manutenção, os custos da oficina são um pouco altos. Deviam comparar um pouco mais. Impostos, roupa, comida e entretenimento têm valores um pouco baixos. Não saem muito. Os depósitos são regulares e bimestrais, o que coincide com os salários. Não podes certamente acusar esta família de viver acima das suas posses.

— Pois não. Mas as despesas com o veículo são interessantes. Uma vez que Kohli tinha uma viatura da cidade e nem ele nem a mulher têm um veículo pessoal.

— Não me digas? — Roarke voltou a observar os registos, enquanto franzia o sobrolho. — Então há aqui um pouco de manobras e encobrimientos, mas com pouco mais de quatro mil por mês, não se pode dizer que seja grave.

— Talvez não — murmurou Eve. — Agora vê isto. Um fundo de investimento. Fundos para universidade, reforma e poupanças. — Foi passando os documentos no ecrã e ouviu o “Ah” calmo de Roarke.

— Alguém andava a cuidar do futuro. Meio milhão nos últimos cinco meses e com juros decentes. Embora eu aconselhasse um pouco mais de diversidade e um quinhão maior em áreas de crescimento se as propinas da universidade são de facto o objetivo.

— Ele não vai precisar de uma consulta aos arquivos. Um polícia não junta meio milhão a contar tostões. Mas arranja-os sendo corrupto.

Eve sentou-se, com a fúria a arder dentro de si.

— Ele estava a aceitar subornos. A questão é, de quem e porquê. Os depósitos e as contas estavam escondidos alguns níveis abaixo das restantes informações, mas não suficientemente enterrados, não de tal forma ocultos que um exame completo não os detetasse. Ele era atrevido que chegasse.

Levantou-se mais uma vez para caminhar de um lado para o outro.

— Era atrevido que chegasse. Não acho que fosse estúpido. Acho apenas que estava confiante, tinha a certeza que estava coberto.

— Se não tivesse sido morto, ninguém ia andar a olhar para as finanças dele — salientou Roarke. — O estilo de vida dele não fazia levantar sinais de alarme. Ele vivia dentro das suas possibilidades.

— Sim e também fazia o trabalho que tinha de fazer, nem mais, nem menos. Ia para casa, para junto da mulher bonita e dos filhos bonitos e no dia a seguir levantava-se e recomeçava tudo de novo. Sem brilho. Era o tipo de polícia a que ninguém presta muita atenção e de quem toda a gente gosta. Um tipo simpático, um tipo calado. Mas os AI estavam de olho nele.

Parou em frente à parede de ecrãs.

— Eles estavam de olho nele e sabiam que ele andava a aceitar subornos. Mas da última vez que os observei, os AI não tinham coração, por isso não estão preocupados com a viúva chorosa. Sendo assim, quem anda a proteger as costas de quem?

— Talvez estejam apenas a ser territoriais. Se o tinham sob investigação, querem ser eles a fechar esse processo, internamente.

— Sim, pode até ser. Não excluo essa possibilidade. — Mas ficou com a pulga atrás da orelha. — Corrupto ou não, tenho um polícia morto. E ele é meu. — Acenou em direção ao ecrã. — Quero falar com o Max Ricker.

— Tenente. — Roarke colocou-se atrás dela, acariciou-lhe os ombros. — Tenho plena confiança nas suas capacidades, no seu intelecto e nos seus

instintos. Mas o Ricker é um homem perigoso, com uma certa predileção para o desagradável. Principalmente no que diz respeito às mulheres. Ele vai sentir-se atraído por ti a vários níveis, sendo um dos mais importantes a ligação que tens comigo.

— A sério? — murmurou Eve, virando-se.

— Nós não cessámos a nossa associação empresarial nos melhores termos.

— Então, posso usar isso. Se ele estiver interessado, será mais fácil passar pelos advogados dele e marcar um encontro.

— Deixa-me ser eu a tratar disto.

— Não.

— Para e pensa. Consigo fazer com que chegues até ele mais rápida e diretamente.

— Não desta vez e não desta maneira. Não consegues mudar o teu passado — disse Eve. — E Ricker faz parte dele. Mas não faz parte do teu presente.

— Faz parte do teu.

— É verdade. Vamos tentar manter isto, se não separado, pelo menos lado a lado. Se ele fizer parte disto, o mais certo é vires a saber antes de mim, porque ele não vai deixar o assunto em mãos alheias. Mas não obstante o tipo de polícia que o Kohli era, agora sou eu quem trava a luta por ele. Marco o encontro quando chegar a altura certa.

— Deixa-me investigá-lo um pouco primeiro e depois terás mais trunfos na manga quando te encontrares com ele. — E ele teria mais tempo para fazer o que precisava de ser feito para a manter longe de Ricker.

— Força, investiga à vontade. — Mas Eve teve o cuidado de não concordar com ele. — Diz-me o que sabes sobre ele. Dá-me uma perspetiva de dentro.

Perturbado, Roarke afastou-se, servindo um brandy.

— Ele é muito suave, educado e quando lhe convém consegue ser encantador. É muito vaidoso e aprecia a companhia de mulheres bonitas. Quando elas lhe agradam, consegue ser muito generoso. Quando lhe desagradam...

Roarke virou-se, agitando o brandy.

— Ele pode e é capaz de ser brutal. É igual com os empregados e associados. Em certa ocasião, vi-o abrir o pescoço a um criado por causa de um copo de vinho lascado.

— Hoje em dia é tão difícil encontrar pessoal decente.

— É, não é? A sua principal fonte de rendimento é a manufatura e distribuição de substâncias ilegais em larga escala, mas também se movimentam por entre armas, assassinatos e indústria do sexo. Tem vários oficiais bem

colocados na sua folha de pagamentos, o que o mantém sempre protegido. Uma hora depois de o contactares, já ele vai saber tudo o que há para saber sobre ti. Ele vai saber, Eve, coisas que preferias que ninguém soubesse.

As entranhas de Eve contorceram-se, mas acenou com a cabeça.

— Eu consigo lidar com isso. Ele tem família?

— Teve um irmão. Dizem os rumores que o Ricker o despachou por causa de uma disputa qualquer. De qualquer maneira, o corpo dele nunca chegou a ser encontrado. Tem um filho mais ou menos da minha idade, talvez uns anos mais novo. Alex. Nunca cheguei a conhecê-lo, porque enquanto tive negócios com o Ricker, ele vivia a maior parte do tempo na Alemanha. Diz-se por aí que ele é mantido fechado algures e isolado.

— Fraquezas?

— Vaidade, arrogância, ganância. Até agora, tem conseguido permitir-se a todas com relativa impunidade. Mas no último ano, mais coisa menos coisa, têm surgido alguns rumores. Em surdina, muito cautelosos, mas que dizem que a saúde mental dele se está a deteriorar e, como resultado disso, que alguns dos seus negócios se estão a ressentir ligeiramente. Essa é uma das vertentes que eu exploraria com mais cuidado.

— Se ele estiver envolvido na morte do Kohli, essa impunidade vai acabar. Se ele estiver mentalmente afetado, isso não o vai manter fora da prisão. Achas que se me aproximar, ele concorda em encontrar-se comigo?

— Vai encontrar-se contigo porque vai ficar curioso. E se o atacares, ele jamais se esquecerá. Ele é frio, Eve, e é paciente. Se tiver de esperar um ano, dez anos, até te poder atacar novamente, é isso que fará.

— Então se o atacar, tenho de me certificar que o meu ataque é certo.

Mais do que isso, pensou Roarke enquanto acabava o brandy. Se ela fosse atrás de Ricker, Ricker teria de morrer.

Também ele conseguia ser frio. E paciente.

Ela virou-se para ele durante a noite. Era raro fazê-lo, a não ser que os sonhos a atormentassem. Quando dormia, dormia profundamente e desprotegida. Talvez soubesse que ele precisava daquilo, que ele precisava de a sentir enroscar-se a si no meio da escuridão, da intimidade que declarava com mais verdade do que quaisquer palavras aquilo que se tinham tornado um para o outro.

A boca de Eve encontrou a boca dele, enquanto as mãos percorriam toda a extensão das suas costas, até lhe chegarem novamente às ancas.

Viraram-se na cama larga, um emaranhado de membros, de carne quente, de respirações a ficarem cada vez mais rápidas a cada novo toque.

O sabor dela — os lábios, o pescoço, os seios — enchia-o, como sempre fazia, mesmo quando despertava a fome por mais. O bater do coração dela sob a sua mão, sob a sua boca e o primeiro sinal de prazer desvaneceram-se num gemido surdo.

Eve arqueou as costas na direção dele, força e rendição. Abriu-se para ele, convite e exigência.

Ele deslizou para dentro dela — quente, molhada e ansiosa — e quando ela fechou as pernas em redor do corpo dele, foi ele quem gemeu. Meras sombras na escuridão, os corpos de ambos ondulavam juntos, num ritmo lento, sedoso que arrancava a noite.

Dando-lhe prazer a ela, dando prazer a si mesmo, deslizou as mãos por baixo das coxas dela, levantou-a. Para lhe dar mais.

Ela fechou-se em redor dele, viajou até à beira do precipício. E quando se sentiu começar a cair, disse o nome dele.

Ele levantou a cabeça, viu o brilho nos olhos dela, abertos, fixos nele.

— Eve — disse e deixou-se cair com ela.

Ficou deitado pela noite dentro, no meio da escuridão, ao lado dela, a ouvi-la respirar. Conhecia as variadíssimas razões que levavam um homem a matar. Mas nenhuma era mais feroz, nenhuma era mais vital do que para proteger aquilo que amava.

O Tenente Alan Mills apanhou Eve no comunicador enquanto ela agarava na segunda chávena de café. O seu primeiro pensamento foi que ele estava com ar de quem também precisava de uma boa dose de cafeína.

Os olhos dele estavam sonolentos e irritados, um tom cinza-água num rosto pálido.

— Dallas. Daqui Mills. Andava à minha procura.

— É verdade. Sou principal no homicídio de Kohli.

— Filho da mãe — resfolegou Mills; fungou. — Bem gostava de deitar as mãos ao cabrão que acabou com o Kohli. O que tem até agora?

— Uma coisa aqui, outra ali. — Não estava disposta a partilhar os dados da investigação com um homem que parecia ainda nem ter saído da cama e que provavelmente lá tinha caído com a ajuda de algum melhorador químico, que não precisava exatamente de fazer parte da lista de aprovados do departamento. — O senhor e a Detetive Martinez trabalharam com Kohli num grupo de missão especial durante o ano passado. Max Ricker.

— Sim, sim. — Mills esfregou o rosto. Eve conseguia até ouvir o som da palma da mão a arranhar a barba por fazer. — Com ele e com mais uma dúzia de polícias, e mesmo assim aquele sacana escorregadio conseguiu escapar por entre as fendas. Acha que o Ricker está ligado a isto?

— Estou a ponderar todas as possibilidades. Preciso de compor uma imagem de Kohli, e talvez depois consiga chegar à imagem do seu assassino. Se tiver algum tempo disponível hoje de manhã, Mills, talvez consiga chamar a Martinez e encontrar-se comigo no local do crime. Agradeço qualquer informação que me possam dar.

— Ouvi dizer que o caso ia ser transferido para a nossa divisão.

— Ouviu mal.

Ele pareceu digerir aquela informação e não a achar particularmente agradável.

— O Kohli era um de nós.

— E agora é meu. Estou a pedir-vos alguma colaboração neste assunto. Vai dar-ma ou não?

— De qualquer maneira, quero dar uma vista de olhos no local do crime. Quando?

— Não há melhor tempo que o presente. Estarei no Purgatório dentro de vinte minutos.

— Eu chamo a Martinez. O mais certo é ainda estar a dormir a *siesta*. Ela é mexicana.

Interrompeu a transmissão e deixou Eve a olhar pensativamente para o comunicador, antes de o enfiar no bolso das calças.

— Chiça, Mills, ninguém me disse que eras uma besta completa e absoluta. Vá-se lá entender.

— A besta ainda vai querer provar que tem os tomates mais rijos que tu — comentou Roarke. Tinha parado de observar os relatórios das transações matutinas da bolsa para a ver lidar com o colega.

— Pois, eu também percebi.

Pegou no coldre da arma e colocou-o no corpo. De um modo, pensou Roarke, que outra mulher colocaria uns brincos. Ele levantou-se, deslizando um dedo pela covinha do queixo dela.

— Ele vai descobrir muito brevemente que está errado. Ninguém tem os tomates mais rijos que você, Tenente.

Eve verificou a arma e colocou-a no coldre.

— Isso é um elogio ou uma piada?

— É uma observação. Eu também gostava de dar mais uma vista de olhos no local do crime — para efeitos do seguro.

Para efeitos do seguro o tanas, pensou Eve.

— Hoje não, amigo. Mas vou tentar deixar o local livre para ti amanhã.

— Enquanto proprietário, tenho direito a fazer uma vistoria ao local para determinar os danos causados e o seu custo.

— Enquanto investigadora principal de um homicídio, tenho o direito de selar e preservar o local do crime até estar convencida de que todas as provas foram recolhidas.

— A verificação foi completada ontem à tarde e o local foi totalmente registado. — Roarke levou a mão até à mesa, na área de estar do quarto, e levantou um ficheiro em disco. — Neste ponto da situação, o proprietário é autorizado a entrar, na companhia de um representante da força policial e do seu agente de seguros, para fazer uma estimativa dos custos de reparação e substituição. O memorando do meu advogado sobre este assunto, Tenente.

Eve arrancou-lhe da mão o disco que Roarke lhe estendia.

— E agora, quem é que está a comparar tomates? — resmungou, fazendo-o sorrir. — Sou capaz de não ter tempo para ti esta manhã.

Ele foi até ao armário, escolheu um fato da vasta floresta que era o seu guarda-roupa. Eve nunca tinha percebido como é que ele sabia o que ficava bem com o quê quando havia tanta roupa por onde escolher.

— Talvez tenhas de arranjar tempo. Porque vou de boleia contigo.

Já tomei providências para me irem buscar ao clube quando acabar o que tenho a fazer por lá.

— Tu já tinhas isto tudo planeado ontem antes de vires para casa.

— Hmm. — Foi até ao armário dela e pegou no colete cinzento que condizia com as calças que ela tinha vestido. Se Eve tivesse pensado em procurar o colete sozinha, teria demorado uma hora e mesmo assim não o teria encontrado. — Esta manhã está fresca — disse, enquanto lhe entregava o colete.

— Tu achas-te muito esperto, não achas?

— Acho. — Roarke curvou-se, deu-lhe um beijo e abotoou-lhe habilmente os botões do colete. — Estás pronta?

— Não falas com os outros polícias — avisou-o Eve enquanto se aproximavam do clube.

— Que diabo haveria eu de ter para lhes dizer? — Continuou a ler e a responder à correspondência que lhe chegara durante a noite no computador de mão, enquanto ela parava junto à berma.

— Não vais a lado nenhum no local a não ser que estejas acompanhada por mim, pela Peabody ou por um agente que eu determine — continuou Eve. — E não retiras nada — e isto significa nada mesmo — do local.

— Estás interessada numa pequena casa de verão em Juno, no Alasca? — Roarke olhou de relance para ela e encontrou-a de olhos semicerrados. — Não, estou a ver que não. Acho que também não estou interessado. Ah, cá estamos nós. — Guardou o pequeno computador no bolso. — E parece que fomos os primeiros a chegar.

— Roarke, não quero graçolas aqui.

— Felizmente, deixei o meu nariz de borracha no escritório. — Saiu do carro. — Queres que o abra? — perguntou, gesticulando para o selo policial que estava na porta de entrada do clube.

— Não comeces. — A esforçar-se para não morder o isco, encaminhou-se para a porta e colocou o código no selo. — Se fizeres asneiras ali dentro, juro que chamo um par de polícias grandes e corpulentos e os mando levarem-te daqui para fora.

— Mas querida, é tão mais entusiasmante quando a brutalidade policial vem de ti.

— Comporta-te, espertalhão.

Eve empurrou a porta. A luz que entrava pelas janelas era difusa e ainda conseguia cheirar o odor desagradável das bebidas entornadas e do sangue coagulado que se misturavam com o fedor químico do pó usado pela equipa de verificação.

— Luzes — ordenou. — Zona do bar principal.

As luzes que continuavam operacionais derramaram uma luz branca e fria sobre a destruição.

— Não parece muito melhor hoje, pois não? — perguntou Roarke, passando os olhos pelo espaço e sentindo uma ligeira agitação dentro de si.

— Fecha a porta. — Eve disse-o calmamente, inspirou e começou a fazer aquilo que fazia melhor. Colocou-se no meio do assassinato.

— Ele entrou, depois do fecho. Já aqui estive antes. Tinha de conhecer o local, a disposição das coisas, o sistema de segurança. Talvez trabalhasse aqui, mas se trabalhou na noite passada, saiu com o resto do pessoal. Ninguém vai poder dizer que estive aqui sozinho com o Kohli.

Andou pelo clube por entre os destroços, em direção ao bar.

— Ele sentou-se, pediu uma bebida. Amigável, descontraído. Tinham assuntos para discutir, qualquer coisa para conversar. Que requeria privacidade.

— Porque não pediu para o Kohli desligar as câmaras de vigilância? — perguntou Roarke.

— Porque não estava preocupado com as câmaras. Ele ia tratar delas. Depois. Era apenas um copo amistoso depois do horário de trabalho, uma pequena conversa. Nada que alertasse os instintos policiais de Kohli. Se é que tinha alguns. Kohli serviu-se de uma cerveja, ficou atrás do bar. Sentia-se confortável. Comeu alguns frutos secos. Conhecia este tipo. O mais certo era já terem tomado um copo antes.

Eve olhou de relance para cima, observando a localização das câmaras.

— O Kohli também não estava preocupado com as câmaras. Por isso, ou não estavam a falar de nada que o pudesse prejudicar, ou já as tinha desligado. E durante aquele tempo todo, o tipo estava aqui sentado a pensar como iria dar o próximo passo. Foi até à parte interior do bar, desta vez serviu-se de uma bebida.

Eve caminhou até à parte de dentro do bar, a ver a cena toda na sua cabeça. Kohli, um homem grande, forte e vivo, com o uniforme do Purgatório vestido. Camisa preta, calças pretas. A bebericar uma cerveja, a comer alguns frutos secos.

— O sangue estava a latejar na sua cabeça, e o coração batia como um tambor, mas ele não o mostrou. Talvez estivesse a contar alguma piada, ou talvez tenha pedido a Kohli que fosse buscar qualquer coisa. Apenas o suficiente para o fazer virar-se por um instante. O tempo suficiente para pegar no taco e desferir o primeiro golpe.

Um segundo, pensou, não mais. Não era preciso mais para fechar a mão em redor do taco, para o retirar do suporte. Para dar o golpe.

— A primeira pancada percorreu-lhe os braços, até aos ombros. O sangue salpicou, o rosto de Kohli foi projetado de encontro ao espelho. As garrafas caíram e tudo pareceu uma explosão.

— Uma explosão — repetiu, com os olhos quase fechados, inexpressivos. — Os gritos inundavam-lhe a cabeça. Faziam com que o sangue dele corresse mais rápido, mais forte; a adrenalina entrou em ação. Virou-se então para o canto, não ia recuar agora. Balançou o taco uma segunda vez, em direção ao rosto. Foi bom ver o rosto de Kohli, a dor e o choque quando o conseguiu derrubar. O terceiro golpe completou o trabalho, rachou-lhe a cabeça ao meio. Sangue e miolos. Mas não era o suficiente.

Eve levantou as mãos, colocou um punho por cima do outro como se estivesse a segurar um taco à espera de acertar na bola.

— Ele queria obliterá-lo. Bateu-lhe mais uma vez, outra ainda e o som dos ossos a estalar e a serem esmagados era como música para os seus ouvidos. Ecoavam através dele. Saboreou o sangue. Estava ofegante. Quando recuou, conseguiu afastar-se apenas o suficiente para pensar novamente; tirou o distintivo de Kohli do bolso e atirou-o para o meio do sangue. Isso significa qualquer coisa, o sangue no distintivo, depois virou o corpo para cima dele.

Eve parou por um instante, a pensar.

— Ele estava coberto de sangue. As mãos, as roupas, os sapatos. Mas não há sinais dele no resto do clube. Ele mudou de roupa. Teve a sensatez de se limpar primeiro. A equipa de verificação encontrou vestígios do sangue, da pele e de massa encefálica de Kohli no cano do lavatório do bar.

Virou-se, olhando para a pia por baixo do bar, agora coberta com pó.

— Ele lavou-se aqui mesmo, com o corpo por trás dele. Frio. Como um cubo de gelo. Depois fez o resto do trabalho, andou por aí a partir tudo. Fez uma verdadeira festa. Celebrou. Mas não perdeu a cabeça. Atirou o taco para trás do bar, para junto de Kohli. Aqui está o que fiz e a arma que usei. Depois pegou nos discos de segurança e foi-se embora.

— Sabe o que é preciso para colocar esse tipo de imagens na sua cabeça, Tenente? Coragem. Um impressionante nível de coragem.

— Só estou a fazer o que ele fez.

— Não. — Roarke colocou uma mão sobre a mão dela e encontrou-a fria. — Fazes muito mais do que isso.

— Não me distraias. — Retirou a mão porque se sentia *realmente* fria e ligeiramente envergonhada. — De qualquer maneira, é apenas uma teoria.

— E das boas. Fizeste-me ver tudo. O sangue no distintivo. Se tiveres razão e isso quiser dizer alguma coisa, é provável que Kohli tenha sido morto por ser polícia.

— Sim. É a essa ideia que continuo a regressar.

Olhou de relance quando a porta se abriu. Reconheceu imediatamente Mills, embora ele fosse maior do que ela presumira e a maior parte do tamanho se tivesse transformado em gordura.

Não tirava partido do programa de boa forma física que o departamento oferecia, pensou Eve, nem da oportunidade que disponibilizavam para fazer escultura corporal.

A mulher que estava ao lado dele era pequena e magra, concebida para a ação. A pele dela tinha o tom de azeitona que fazia sempre Eve pensar nos países mais soalheiros. O cabelo era preto, sedoso e estava apanhado num longo e elegante rabo-de-cavalo. Os olhos eram quase tão escuros como o cabelo e pareciam estalar de tanto brilharem.

Ao lado dela, Mills parecia um rafeiro desleixado e sobrealimentado.

— Os boatos diziam que era mau. — A voz de Martinez era contida e ligeiramente exótica. — Mas é pior que isso. — Os olhos dela viajaram até Roarke, demoraram-se um instante e depois centraram-se em Eve. — Deve ser a Tenente Dallas.

— Exatamente. — Eve atravessou a sala. — Obrigada por virem até aqui. O civil é o proprietário do espaço.

Quase sem um mero aceno de reconhecimento, Mills, caminhou pesadamente até ao bar. Movimentava-se como urso. Um urso obeso.

— Comprou isto aqui, hã? Que maneira merdosa de morrer.

— A maior parte das maneiras são assim. — Martinez virou-se para a porta, com os dedos a dançar um pouco depressa de mais para o gosto de Eve em direção ao braço do lado.

— É a minha assistente — disse Eve quando Peabody entrou. — Agente Peabody, a Detetive Martinez e o Tenente Mills. — Com uma ligeira mudança na posição do corpo, bateu com um dedo no colarinho e virou-se para seguir Martinez até ao bar.

Reconhecendo o sinal, Peabody pegou no gravador e ligou-o.

— Há quanto tempo conheciam o Kohli? — perguntou Eve.

— Eu, há um par de anos. Fui transferida de Brooklyn para a Um vinte e oito. — Olhou para a confusão que o assassinato tinha deixado ali. — O tenente conhecia-o há mais tempo.

— Sim, desde que era recruta. Todo aprumadinho e a fazer tudo como mandavam os livros. Esteve um tempo na carreira militar e trouxe esse treino com ele. Era um prodígio de um turno só.

— Dá-lhe um desconto, Mills — resmungou Martinez. — Estamos em cima do maldito sangue dele.

— Bem, só estou a dizer as coisas como elas eram. O tipo cumpria o turno dele e ia-se embora. Não se conseguia arrancar-lhe um minuto a mais

a não ser que viessem ordens diretas do capitão. Mas enquanto estava ao serviço, fazia o trabalho dele.

— Como foi escolhido para a equipa que lidou com o Ricker?

— A Martinez queria-o na equipa — disse Mills, abanando a cabeça perante a confusão que ia por detrás do bar. — Era o último polícia que eu imaginava a ser apagado assim. Era capaz de apostar que ele ia cumprir os vinte e cinco anos e depois passava a reforma a construir casas para pássaros ou outra merda do estilo.

— Pedi que fosse incluído na equipa especial — confirmou Martinez. Posicionou o corpo num ângulo afastado de Mills, que transmitiu a Eve que a detetive queria distância do tenente. Era mau. — Eu era a investigadora principal sob a alçada do Tenente Mills. O Kohli era louco pelos detalhes. Nunca lhe escapava uma palavra. Se o colocássemos a fazer vigilância, recebíamos um relatório com tudo aquilo que vira durante quatro horas, até ao pormenor do lixo que havia na sarjeta. Ele tinha bons olhos.

Franziu o sobrolho para os salpicos de sangue.

— Se acha que o Ricker contratou a morte dele, não estou a ver como. O Kohli estava nos bastidores, era um zangão na nossa investigação. Esteve presente na captura, mas a única coisa que fez foi registar a cena. Quem apanhou o Ricker fui eu, apesar de não ter valido para nada.

— Kohli estava encarregue dos detalhes — disse Eve. — De alguma maneira, alguns desses detalhes podiam ter conseguido chegar ao conhecimento de Ricker, ajudando-o a escapar-se?

Seguiu-se uma longa pausa. Eve viu os olhos de Martinez a cruzarem-se com os de Mills antes de ambos se virarem para ela.

— Não gostei do que acabei de ouvir vindo da sua boca, Dallas.

O tom de voz de Mills era de ameaça rude, como metal enferrujado numa mão suada. Pelo canto do olho, Eve viu Roarke a agitar-se e, caramba, Peabody também. Deu um passo em frente, como se quisesse afugentar os cães de guarda.

— O que está a ouvir vindo da minha boca faz parte do procedimento habitual.

— Sim, para um reles qualquer ou um marginal que vai acabar dentro de um saco. Não é habitual para a porra de um polícia. O Kohli usava um distintivo como você, como eu. O que é que sabe para dizer que ele era corrupto?

— Eu não disse que era.

— O diabo é que não disse. — Mills espetou um dedo em direção a Eve. — Se decidir ir por aí, Dallas, não vai ter qualquer ajuda da minha parte. É por estas e por outras que o caso deve ser entregue à nossa divisão e não estar com uma cabra qualquer da Central.

— Pois, mas o caso está entregue a uma cabra qualquer da Central, Mills. Aprenda a aceitar o facto. — Eve teve a impressão de ver Martinez a abafar um sorriso perante a sua resposta rápida. — Esta pergunta tem de ser feita e eu fi-la. O que ainda não ouvi foi a resposta.

— Vá-se foder. Aí tem a sua resposta.

— Mills — murmurou Martinez. — Tem lá calma.

— E que se foda a calma também. — Mills virou-se para ela. Tinha os punhos cerrados e o sangue inundara-lhe o rosto. — Malditas saias que não têm nada que fazer parte da profissão. Anda lá, vai brincar com a rata de estimação do Whitney, Martinez, e vê onde isso te leva. Nenhum polícia se vira contra outro à minha frente, não importa o que ele era.

Com um olhar maldoso para Eve, foi-se embora.

Martinez pigarreou e coçou a cabeça.

— O tenente tem alguns problemas em trabalhar com mulheres e minorias.

— Não me diga?

— Pois. Por isso, não deve levar isto a um nível mais pessoal do que aquilo que é. Ouça, o caso do Ricker era meu e o Kohli era um homem reto como uma flecha. Foi um dos motivos porque o chamei para fazer algum do trabalho de investigação. Eu também não gosto da sua pergunta, mas acho que é exatamente como disse. É uma pergunta que tem de ser feita. O Kohli podia não ser o tipo de polícia que dava tudo pela profissão, mas respeitava muito o distintivo que trazia. Gostava de ser polícia, de ser um defensor da lei e da ordem. Não consigo imaginá-lo a aceitar subornos, Tenente. Simplesmente não condiz com ele.

Isso dependia de onde se encaixavam as peças, pensou Eve.

— O que queria o Mills dizer com aquilo de “não importa o que ele era”?

— Sobre o Kohli? — Os olhos de Martinez brilharam com o que podia ser humor ou irritação. — Queria dizer que ele era negro. O Mills é da opinião que o único polícia verdadeiro é homem, branco e heterossexual. No que diz respeito à personalidade, o Mills é basicamente uma besta de primeira.

Eve esperou que Martinez saísse.

— Peabody, apanhaste isto tudo?

— Sim, chefe.

— Desliga a gravação. Faz uma cópia para os meus ficheiros, mantém as restantes guardadas. Acompanha o Roarke pelo clube, para ele fazer o inventário dos estragos. Tens quinze minutos — disse para ele. — Depois quero-te daqui para fora e o local fica selado até eu dizer o contrário.

— Ela é adorável quando está irritada, não achas, Peabody?

— Sempre achei que sim.
— Catorze minutos — avisou Eve. — E a contar.
— Porque não começamos lá por cima? — Roarke ofereceu o braço a Peabody. — E vamos avançando para baixo.

Quando ambos estavam fora do alcance da voz, Eve pegou no comunicador e ligou a Feeney, da Divisão de Detecção Eletrónica.

— Preciso de um favor — disse, assim que o rosto gasto e cansado dele flutuou no ecrã.

— Se estiver ligado com o polícia assassinado, não conta como favor. Todos os homens da minha unidade vão fazer as horas extra que precisares. O filho da mãe acha que pode safar-se sem mais nem menos depois de matar um polícia, mas vai descobrir que não é bem assim, e vai descobri-lo da pior forma.

Eve esperou até ele acabar.

— Muda a transmissão para modo privado, mudas?

Feeney franziu o sobrolho, mas mudou a transmissão e colocou o auricular.

— O que se passa?

— Não vais gostar do que tenho para te dizer. Vamos já deixar isso bem claro, para não me dares cabo da cabeça. Preciso que me verifiques dois polícias. Tenente Alan Mills e Detetive Julianna Martinez, ambos ligados aos Narcóticos da Um vinte e oito.

— Não gosto nada disto.

— Preciso de uma verificação silenciosa, Feeney. Não quero sinais de alerta nesta história.

O rosto já perturbado dele desmoronou-se um pouco mais.

— E disso então gosto ainda menos.

— Desculpa pedir-te uma coisa destas. Podia fazê-la eu, mas tu és capaz de o fazer mais rápida e discretamente. — Olhou de relance para onde Roarke e Peabody caminhavam no nível superior do clube. — Também não gosto nada disto, mas tenho de abrir essa porta antes de a poder fechar.

Embora estivesse sozinho no escritório, Feeney baixou a voz.

— E estás apenas a ver, Dallas, ou andas à procura de lama?

— Ainda não te posso dizer isso, mas tenho demasiadas ligações para as poder ignorar. Faz-me isto, Feeney, e quando acabares, dá-me um toque. Encontramo-nos algures e ponho-te ao corrente da situação.

— Conheço o Mills. É uma besta.

— Pois, também já tive o prazer de o conhecer.

— Mas não o imagino corrupto, Dallas.

— O problema é esse, não é? Nós nunca queremos ver esse tipo de coisas.

Guardou o comunicador, endireitou um dos bancos do bar e sentou-se. Começou a anotar nomes no bloco de notas; colocou o nome de Kohli no centro com setas que o ligavam a Ricker, que por sua vez estava ligado a Mills e as de ambos a Martinez. Depois acrescentou Roth, curvando uma linha para a ligar a todos, depois no canto do fundo acrescentou Webster. AI.

Ligou Webster a Kohli e questionou-se se antes de acabar de investigar aquele assunto, o iria ligar a mais alguém.

Depois, porque tinha de ser feito, acrescentou Roarke, ligou-o a Kohli e a Ricker. E pediu a Deus que as ligações ficassem por ali.

A morte, pensou, deixava para trás uma imagem, contava uma história, tanto do ponto de vista da vítima como do assassino. A própria cena, o corpo, o método, o tempo e o espaço, o que era deixado para trás, o que era levado. Todos estes aspetos faziam parte da história.

Narcóticos, pensou, continuando a rabiscar no bloco. *Sangue no distintivo. Morte violenta. Strippers. Discos de segurança desaparecidos. Vícios. Sexo? Dinheiro. Trinta fichas de crédito.*

Continuou a tomar notas e franziu o sobrolho quando Roarke e Peabody se aproximaram dela.

— Por que motivo aparecem aqui as fichas de crédito? — perguntou em voz alta. — Porque ele morreu por dinheiro? Não foi para fazer com que parecesse um roubo. Será outro símbolo? Dinheiro de sangue. Porquê trinta fichas?

— As trinta moedas de prata — disse Roarke, observando o olhar inexpressivo de Eve. — A sua educação estatal, Tenente, não deve ter incluído os estudos da Bíblia. Judas recebeu trinta moedas de prata para trair Jesus Cristo.

— Trinta moedas de prata. — Fez-se luz e Eve acenou com a cabeça enquanto se punha de pé. — Podemos extrapolar que Kohli simboliza Judas. Mas quem está no lugar de Jesus? — Olhou para a cena uma última vez. — Acabou o tempo — disse para Roarke. — É melhor ligares à tua boleia.

— Ele já deve estar lá fora — disse Roarke, abrindo ele mesmo a porta e segurando-a. Enquanto Eve passava por ele, Roarke agarrou-a, puxou-a para junto de si e encostou suavemente a boca aos lábios dela. — Obrigada pela sua colaboração, Tenente.

— Chlça, ele sabe dar um beijo — disse Peabody quase a cantarolar, enquanto Roarke se dirigia à limusina que estava parada junto à berma. — Dá para ver só de olhar para ele, que tem um beijo seriamente excelente.

— Mas para lá de imaginar que te está a beijar a ti.

— Não consigo. — Peabody esfregou os lábios um contra o outro

quando Eve largou a porta. — E posso dizer-te que aquele beijo me vai acompanhar durante o dia e pela noite dentro.

— Tu agora tens os teus próprios homens.

— Não é a mesma coisa. — Peabody suspirou enquanto arrastava os pés até ao carro de Eve. — É que nem anda lá perto. Para onde vamos?

— Vamos ver uma stripper.

— Se me dissesse que era um stripper, o meu dia estava ganho.

— Estás destinada à desilusão.

Nancie vivia em Lexington, num atraente edifício anterior à guerra. Em vários dos andares superiores havia peitoris de janelas cheios de flores e à porta um porteiro de rosto alegre e uniforme que ofereceu um sorriso deslumbrante quando Eve lhe mostrou o distintivo.

— Espero que não haja problemas, Tenente Dallas, minha senhora. Se houver alguma coisa que possa fazer, basta dizer-me.

— Obrigada, acho que dou conta do recado.

— Aposto que ele ganha imenso dinheiro em gorjetas — comentou Peabody enquanto entravam no pequeno mas composto átrio. — Tem um sorriso espetacular, um bom rabo. O que mais se pode pedir de um porteiro?

Peabody observou o átrio com as discretas placas com os nomes dos moradores, o elevador de bronze polido, o atraente arranjo de flores primaverais.

— Estava longe de imaginar que uma dançarina de strip vivesse num lugar assim. Relacionava-o mais com funcionários de escritório de alto gabarito ou com executivos juniores. Quanto será que ganha por ano?

— Estás a pensar em mudar de profissão?

— Pois, não há dúvida. — Peabody resfolegou quando entraram para o elevador. — Os gajos até fazem fila para me ver nua e tudo. Embora o McNab...

— É que nem vás por aí. Não consigo suportá-lo.

Eve apressou-se a sair do elevador no piso seis, serpenteando até ao apartamento C. Ficou aliviada quando a porta se abriu de imediato e impossibilitou qualquer ideia que Peabody pudesse ter para completar a frase.

— Nancie Gaynor?

— Sim.

— Tenente Dallas, da Polícia de Nova Iorque. Podemos entrar e falar consigo?

— Oh, claro. Deve ser sobre o Taj.

Nancie condizia com a imagem do apartamento. Aprumada, atraente e tão bonita como um raio de Sol. Era jovem, talvez estivesse a meio dos

vinte anos de acordo com a estimativa de Eve, era engraçada como um botão de rosa e tinha uma melena de cabelos louros encaracolados, lábios de boneca bebê pintados com um tom rosado e grandes olhos verdes. O fato justo amarelo que vestia evidenciava o seu talento e ainda conseguia dar-lhe um ar doce.

Recuou para o interior do apartamento com os pés descalços, deixando no ar um débil aroma a lírios.

— Estou tão doente com isto tudo — começou por dizer. — Simplesmente doente. A Rue ligou-nos ontem para nos contar o que tinha acontecido. — Os grandes olhos encheram-se de água, como dois campos verdejantes irrigados. — Não consigo acreditar que uma coisa destas tenha acontecido no Purgatório.

Gesticulou desamparadamente para um grande sofá curvo forrado com um tecido aveludado cor-de-rosa e uma avalanche de almofadas brilhantes.

— Acho que é melhor sentarmo-nos. Querem que vos ofereça alguma coisa, qualquer coisa para beber?

— Não, não se incomode. Importa-se que gravemos esta conversa, Menina Gaynor?

— Oh. Oh. Homessa. — Nancie mordeu o bonito lábio inferior e juntou as mãos entre os seios verdadeiramente espetaculares. — É suposto gravarem?

— Com a sua autorização.

A única coisa que Eve conseguia pensar era: *Uma stripper que diz homessa. Quando uma pessoa acha que já viu de tudo na vida...*

— Muito bem, nossa. Eu quero ajudar, se puder. Mas podemos sentar-nos, certo? Porque acho que estou um bocadinho nervosa. Nunca me vi envolvida num assassinato. Fui interrogada uma vez, logo depois de me ter mudado de Utumwa, porque a minha colega de quarto, ela era AR, mas tinha deixado a licença expirar, mas tenho a certeza que foi só um lapso. De qualquer maneira, falei com o agente encarregue do comité de licenças e tudo. Mas isso foi diferente.

Eve pestanejou.

— Utumwa?

— No Iowa. Mudei-me para aqui do Iowa há quatro anos. Tinha esperanças de conseguir ser bailarina na Broadway. — Sorriu um pouco. — Acho que as raparigas vêm para cá sempre com essas ideias na cabeça. Eu sou uma dançarina bastante boa, mas, enfim, também muitas das outras raparigas são e como viver aqui pode ficar muito caro, decidi começar a trabalhar num clube. Não era um clube muito elegante — confidenciou, piscando os enormes olhos. — E eu estava a ficar bastante assustada e desi-

ludida e a pensar que se calhar o melhor era voltar para o Iowa e casar com o Joey, mas ele é assim um pouco palerma, sabem, e depois a Rue apareceu, viu-me a atuar e arranjou-me emprego num clube muito melhor. Era um lugar bonito, o salário era bastante mais elevado e os clientes não nos tentavam pôr as mãos em cima. Depois a Rue foi para o Purgatório e levou algumas de nós com ela. Aquele, sim, é um clube com classe. Queria apenas que soubesse disso. Ali não se passa nada de manhoso.

— Manhoso — repetiu Eve, ligeiramente atordoada com a quantidade de palavras e informações. — Agradeço tudo o que me está a contar.

— Oh, eu só quero ajudar. — Nancie inclinou-se para a frente, olhando diretamente para ela. — A Rue disse que se alguma de nós soubesse de qualquer coisa, devíamos contactá-la. A Tenente Eve Dallas. E que devíamos responder a todas as suas perguntas e fazer o que estivesse ao nosso alcance, porque, bem, é a coisa certa a fazer e a senhora é casada com o Roarke. Ele é o dono do Purgatório.

— Pois, ouvi dizer isso em algum lado.

— Oh, nossa, eu respondia às perguntas mesmo que não fosse casada com o Roarke. Quero dizer, é o meu dever cívico e essas coisas todas, além de que o Taj era mesmo boa pessoa. Ele respeitava a nossa privacidade, sabe? Mesmo num clube com classe, o pessoal é capaz de dar uma espreitadela quando não deve. Mas uma pessoa podia passar em frente ao Tajzinha como veio ao mundo e ele nunca olhava. Quero dizer, olhava porque nós estávamos mesmo ali, mas não *olhava*. Ele tinha mulher e filhos e era um verdadeiro homem de família.

Como é que se desliga esta rapariga?, questionou-se Eve.

— Menina Gaynor...

— Oh, pode chamar-me Nancie.

— Muito bem, Nancie. Esteve a trabalhar na noite anterior. É verdade que consigo também esteve uma bailarina chamada Mitzie?

— Sim. Nós fazemos quase sempre o mesmo horário. A Mitzie saiu um pouco mais cedo ontem. Estava triste, sabe, por causa daquele cabrão — perdoe o meu francês — do namorado que lhe deu com os pés para ficar com uma empregada aérea qualquer. Ela estava sempre a ir-se abaixo e a chorar nos camarins, porque, sei lá, ele era o amor da vida dela e tudo e ia casar com ela e comprar uma casa em Queens. Acho eu, se calhar era em Brooklyn, e depois...

— Menina Gaynor...

— Acho que não importa, não é? — disse com um sorriso alegre. — De qualquer maneira, a Rue levou-a a casa. A Rue é mesmo muito boa a cuidar de nós, das dançarinas. Ela dantes também dançava. Se calhar, era melhor ligar à Mitzie, para ver como ela está.

— Tenho a certeza que ela ia gostar que lhe ligasse. — Até podia ser um emaranhado de informações, pensou Eve, mas corroborava o álibi de Rue MacLean. — Porque não me conta como foi a última vez que viu o Taj?

— Está bem. — Nancie recostou-se, acomodou o traseiro nas almofadas e dobrou as mãos em cima do colo, tão imaculada como uma menina do colégio. — Nessa noite tive dois espetáculos, duas danças de grupo e três danças privadas, por isso estava um bocadinho atarefada. Na minha primeira pausa, vi o Taj a comer uma sandes de frango. Disse-lhe: “Ei, Taj, isso parece estar bom para se comer”. Como uma piada, sabe, porque é óbvio que uma pessoa faz uma sandes para *comer*.

— Ah — conseguiu dizer Eve.

— Então, ele riu-se um bocadinho e disse que estava mesmo e que tinha sido a mulher que a preparara. Eu fui buscar um refrigerante, um *Cherry Fizz* e disse-lhe até logo porque tinha de ir trocar de roupa.

— Falaram sobre mais alguma coisa?

— Não, só da sandes de frango. Depois fui mudar de roupa e os camarins estavam um verdadeiro zoológico. Uma das raparigas, a Dottie, não conseguia encontrar a peruca vermelha e como já lhe disse, a Mitzie...

— Sim, já falámos da Mitzie.

— Hmm-hmm. Uma das outras raparigas, acho que era a Charmaine, estava a dizer à Mitzie como ela devia ficar feliz por se ter visto livre do namorado, mas isso só a fez chorar ainda mais e a Wilhimena, que costumava ser um homem mas optou pela mudança de sexo, mandou-a calar. À Charmaine, claro, não à Mitzie. E andávamos todas de um lado para o outro, porque estava a aproximar-se a hora da dança de grupo. Por isso, foi o que fizemos, a dança de grupo e depois eu fui fazer a privada. Vi o Taj a trabalhar no bar e disse-lhe adeus.

Os ouvidos de Eve iam começar a zunir dentro de um minuto, tinha a certeza.

— E ele estava a falar com alguém em particular?

— Que eu tenha reparado, não. Ele tinha um modo muito próprio de trabalhar no bar, em que toda a gente tinha as bebidas na mão sem que ele ficasse cansado. Então, fiz a privada para um homem de negócios de Toledo. Ele disse que era o dia do seu aniversário, mas eles às vezes dizem isto para ver se conseguem algum extra, só que a Rue não quer que nenhuma das dançarinas faça extras, a não ser que tenha licença. De qualquer maneira, ele deu-me cem de gorjeta, depois fiz um espetáculo no giratório, é aquele piso que anda à roda. Não me lembro de voltar a ver o Taj até ao fecho, porque a casa estava mesmo cheia. Queria outro *Cherry Fizz*, ele deu-mo e fiquei sentada no bar durante um bocadinho até a casa esvaziar, só a descontraír, mais ou menos.

Neste momento inspirou, Eve abriu a boca, mas Nancie recuperou primeiro.

— Ah, e o Viney estava a sentir-se mal. Hmm, o Nester Vine. Nós, as meninas, chamamos-lhe Viney, porque ele é alto e magrinho. Não é engraçado como por vezes as pessoas se parecem mesmo com os nomes que têm? De qualquer maneira, ele estava todo pálido e transpirado e andava sempre a correr para a casa de banho, até que o Taj lhe disse para ir para casa e cuidar de si. Eu também estava um bocadinho triste porque ouvi dizer que o Joey ficou noivo da Barbie Thomas, lá na minha terra.

— Em Utumwa.

— Isso. Ela andava sempre atrás dele — Nancie franziu o sobrolho e depois pareceu desvalorizar o assunto. — Por isso, o Taj estava a ser querido e a dizer-me para não me preocupar com ele. Disse que eu era uma rapariga bonita e que ia encontrar o homem certo para mim, quando a altura chegasse. Disse que quando se encontra a pessoa certa, tudo parece bem e nem era preciso pensar mais no assunto. Disse que eu ia saber quando ele aparecesse. Eu percebi que ele estava a falar da mulher, porque ele ficava sempre com um olhar mais suave quando pensava nela. Fez-me sentir bem, por isso fiquei mais um bocadinho. O Viney também devia ter lá estado a fechar o clube com ele, mas estava doente. Já lhe disse que ele estava doente?

— Sim — respondeu Eve, um pouco zozna. — Já me disse.

— Muito bem, ele estava doente, como já disse. Na verdade, nós não *devemos* fechar sozinhos, mas às vezes acontece. O Taj disse-me que estava a ficar tarde e que era melhor eu ir para casa. Disse que me chamava um táxi, mas eu queria ir de metro. Ele não me deixou ir de metro, porque à noite as ruas podem ser perigosas, por isso chamei um táxi e ele esperou à porta comigo até eu entrar no carro. Era mesmo coisa do Taj — disse, com os olhos novamente húmidos. — Ele era assim, querido connosco.

— Ele disse-lhe se nessa noite estava à espera da visita de um amigo?

— Acho que não... — A voz desvaneceu-se, e ela comprimiu os lábios. — Talvez. Talvez tenha dito, quando eu estava a choramingar por causa do Joey e por sentir saudades dos amigos da minha terra, acho que ele disse qualquer coisa como os amigos serão sempre amigos. Acho que é capaz de ter dito que estava ansioso por encontrar um amigo mais tarde. Mas não achei que quisesse dizer naquela noite, ali no clube. De qualquer maneira. — Suspirou, deu uma palmadinha por baixo dos olhos com a ponta do dedo. — Não foi um amigo que magoou o Taj daquela maneira. Os amigos não fazem isso.

Depende, pensou Eve. Depende muito do amigo.

Eve calculou que podia passar os três dias seguintes a entrevistar strippers, dançarinas, clientes e taxistas que tivessem passado pelo clube, ou então podia ir ter de vez com Max Ricker.

Não era uma escolha difícil, mas ambas as áreas deviam ser exploradas.

Entrou na sala dos detetives na esquadra e examinou os rostos. Alguns polícias trabalhavam com ligações, outros escreviam relatórios ou estudavam informações. Uma equipa estava a tomar o depoimento de um civil que aparentava estar mais excitado que perturbado. O aroma a café fraco e desinfetante velho era pungente no ar.

Conhecia aqueles polícias, alguns eram mais astutos que outros, mas todos faziam o seu trabalho. Nunca tinha feito o seu estilo puxar dos galões ali e achava que ia conseguir o que queria sem ter de recorrer agora a essa estratégia.

Esperou até que o civil, de aspeto corado e muito satisfeito consigo próprio, saísse da sala.

— Muito bem, pessoal, ouçam uma coisa.

Uma dúzia de rostos virou-se na sua direção. Eve observou as expressões a mudarem. Cada um deles conhecia o caso que ela tinha nas mãos. Não, pensou quando as ligações foram desligadas e os ecrãs ignorados. Não ia precisar de puxar pelos galões.

— Tenho mais de seiscentas potenciais testemunhas para eliminar ou entrevistar no que concerne ao caso do Detetive Taj Kohli. E precisava que me ajudassem. Aqueles que não estiverem com casos prioritários nas mãos, ou que conseguirem encaixar um par de horas extra durante os próximos dias, venham por favor falar comigo ou com a Peabody.

Baxter foi o primeiro a levantar-se. De vez em quando era um verdadeiro cara de cu, mas por Cristo, era tão confiável como o nascer do Sol.

— Eu tenho tempo. Todos nós temos tempo. — Olhou em redor da sala, como se estivesse a desafiar os colegas a discordar dele.

— Ótimo. — Eve enfiou as mãos nos bolsos. — Para vos dar uma atualização da investigação... — E naquele ponto tinha de ser muito cuidadosa. — O Detetive Kohli foi brutalmente espancado até à morte enquanto estava no seu segundo emprego, num elegante clube de strip chamado Purgatório. O clube estava fechado, mas ao que parece, Kohli

conhecia o seu atacante. Procuo alguém que ele conhecesse suficientemente bem para estar sozinho com ele, para estar à vontade para se virar de costas para ele.

Alguém, pensou, que ele contactou ou que o contactou a ele através do transmissor pessoal durante o turno. Foi por isso que o assassino o tirou do local do crime.

— Neste momento, não temos indicações que Kohli estivesse a trabalhar num caso sensível ou que estivesse a processar informações relativamente a um caso desta natureza. Mas é possível que o assassino seja uma doninha ou um informador externo. O assalto é um motivo sem bases sólidas. Isto foi pessoal — acrescentou, observando os rostos. — Foi um ataque pessoal ao nosso distintivo. A Um vinte e oito acha que a investigação devia estar entregue à divisão deles. Eu acho que ela está muito bem aqui.

— Podes ter a certeza que está. — Uma detetive chamada Carmichael levantou a caneca de café com o sobrolho carregado.

— Por enquanto, os meios de comunicação social não estão em cima do assunto — continuou Eve. — Não é uma história quente. Um empregado de bar não faz subir as audiências e o facto de ser polícia não causa muitas ondas nos ecrãs. Para eles, ele não tem importância.

Aguardou, perscrutou os rostos.

— Mas para nós tem. Quem quiser fazer parte da investigação, que diga à Peabody quantas testemunhas acha que consegue aceitar. Ela destaca-vos as pessoas. Depois enviem-me uma cópia de todas as declarações e relatórios.

— Ei, Dallas, posso ficar com as strippers? — brincou Baxter. — Só com aquelas mesmo bem abastecidas?

— Claro que sim, Baxter. Todos sabemos que a única maneira de veres uma mulher nua é pagando-lhe para se despir à tua frente. — Seguiu-se um coro de risos e provocações. — Vou estar em campo a maior parte do dia. Se alguém descobrir alguma coisa que eu precise de saber, que me dê um toque.

Enquanto se encaminhava para o gabinete, Peabody apressou-se a ir atrás dela.

— Vais para a rua sozinha?

— Preciso de ti aqui, para coordenares a atribuição das testemunhas.

— Sim, mas...

— Peabody, até ao ano passado, eu fazia a maior parte do meu trabalho de campo sozinha. — Enquanto empurrava a cadeira da secretária para trás para se sentar, viu de relance a expressão magoada nos olhos de Peabody. Quase revirou os seus. — Isso não quer dizer que não tenhas melhorado

em muito o meu trabalho, Peabody. Controla-te. Neste momento preciso de ti aqui, a gerir e a observar as informações. Tu és muito melhor com esta coisa da tecnologia do que eu.

Aquilo pareceu animar novamente Peabody.

— Sim, pois sou. Mas quando acabar o trabalho aqui, posso ir ter contigo.

— Depois digo-te qualquer coisa. Porque não comesas já, enquanto o pessoal está todo com disposição para fazer horas extra? — Tentando dispensá-la, Eve virou-se para o computador da secretária. — Vamos lá trabalhar.

— Sim, chefe.

Eve esperou que Peabody se fosse embora, depois levantou-se para fechar a porta. De regresso à secretária, requisitou todas as informações conhecidas sobre Max Ricker.

Não queria surpresas.

Já tinha visto a fotografia dele antes, mas observou-a agora com mais cuidado. Ele tinha um olhar poderoso, um rosto fortemente esculpido com ângulos planos que pareciam afiados como vidro. A boca era austera, com um bigode prateado que não fazia nada para a suavizar. Os olhos também eram prateados, opacos e imperscrutáveis.

A vaidade de que Roarke tinha falado transparecia nas ondas do cabelo preto, flanqueadas por têmporas prateadas, no diamante único que usava na orelha direita e no suave lustro da pele imensamente branca, que não mostrava rugas nem pregas, mas tinha o aspeto de ter sido tão esticada como seda alva por cima dos ossos de arestas geladas.

Sujeito Ricker, Max Edward. Altura, um metro e oitenta e dois. Peso, noventa e um quilos. Caucasiano. Data de nascimento, 3 de fevereiro de 2000. Nascido em Filadélfia, Pensilvânia. Filiação: Leon e Michelle Ricker, falecidos. Um irmão, falecido.

Estudou na Universidade da Pensilvânia, com licenciatura em Gestão.

Não tem casamentos nem uniões de facto. Um filho, Alex, data de nascimento 26 de junho de 2028. Mãe identificada como Morandi, Ellen Mary, falecida.

Residências atuais incluem Hartford, no Connecticut, Sarasota, na Flórida, Florença, em Itália, Londres, em Inglaterra, Estados Long Neck na Colónia Yost e Hotel Rio Nilo, em Vegas II.

Profissão registada como empresário com interesses e participações como segue...

Naquele momento Eve recostou-se, fechou os olhos e ouviu a enumeração dos negócios de Ricker. Não era a primeira vez que fazia uma verificação sobre um homem com extensos e variados interesses, que era

dono de inúmeras empresas e organizações. Um homem que na altura lhe parecia perigoso, como Ricker.

Aquela verificação tinha mudado a sua vida.

Pretendia que esta mudasse a vida de Ricker.

— Computador, fazer listagem do registo criminal, de todas as acusações e capturas.

A processar...

Voltou a endireitar-se na cadeira quando a informação começou a desfilar perante os seus olhos, de sobrolho erguido. Havia inúmeras acusações ao longo dos anos, começando com roubos menores em 2016, continuando com posse de arma, distribuição de substâncias ilegais, fraude, suborno e duas conspirações para assassinato. Nenhuma das acusações tinha pegado, ele sempre se conseguira esgueirar por entre os pingos da chuva, mas o cadastro era longo e variado.

— Não és tão esperto quanto o Roarke, pois não? — murmurou Eve. — Ele nunca se deixou apanhar. Aí está a tua arrogância. Não te importas de ser apanhado, não verdadeiramente. — Observou novamente o rosto dele. — Porque te dá pica foder o sistema. Isso é uma fraqueza, Ricker. E das grandes. Computador, copiar todas as informações para o disco.

Virou-se para o transmissor. Estava na altura de descobrir onde o Ricker estava atualmente a descansar os pés bem calçados.

Achou um sinal de boa sorte que Ricker estivesse a passar algum tempo no seu complexo do Connecticut. Considerou um sinal de arrogância que ele tivesse concordado em encontrar-se com ela sem primeiro a fazer ondular num mar de advogados.

Fez a viagem num bom tempo e foi recebida ao portão por um trio de guardas mal encarados que a fizeram passar por uma verificação de identidade, como mandavam as formalidades. Foi instruída para deixar o veículo no interior do portão e entrar num pequeno e elegante carro.

O operador do carro era um droide feminino igualmente pequeno e elegante que a conduziu ao longo do caminho de acesso ondulante e ladeado por árvores, até uma casa de três andares toda feita de madeira e vidro, empoleirada numa encosta rochosa, sobre o mar inquieto.

À entrada, havia uma fonte com uma mulher esculpida em pedra, com um vestido que flutuava graciosamente e um jarro nas mãos de onde saía uma água azul pálida, terminando num lago cheio de peixes vermelhos. Um jardineiro trabalhava num canteiro de flores no lado este da casa.

Ele usava calças largas e uma camisa, um chapéu de abas largas e um leitor laser de duplo alcance.

Outro droide feminino recebeu-a à porta, desta feita um modelo de serviço confortavelmente construído, num uniforme preto engomado.

— Bom-dia, Tenente Dallas. O Sr. Ricker está à sua espera. Espero que tenha feito uma boa viagem. Queira seguir-me, por favor.

Eve observou a casa à medida que ia passando. Ali, só faltava o dinheiro escorrer literalmente das paredes. Não tinha a classe da casa de Roarke, onde o ambiente era rico, mas de algum modo caseiro, com as madeiras polidas e cores discretas. Ricker tinha optado pelo estilo moderno e garrido, rodeando-se de cores que até faziam doer os olhos, demasiados tecidos e gosto insuficiente.

Todas as coisas tinham um aspeto afiado e eram acentuadas com aquilo que Eve agora concluía ser a assinatura dele: prata.

As trinta moedas de prata, pensou quando entrou numa sala decorada em tons de vermelho-sangue, com uma vista para o mar de cortar a respiração, através da parede de janelas. As restantes paredes estavam cheias de obras de arte, toda de estilo modernista ou surreal ou o que quer que fosse que chamassem à arte que não era mais que meia dúzia de pinceladas numa tela e planos pulsantes de cores feias sobre o vidro.

O aroma a flores era pesado, quase fúnebre, a luz demasiado brilhante e a mobília era cheia de inclinações e curvas sinuosas com almofadas brilhantes e pernas prateadas.

Ricker estava sentado numa das poltronas, a bebericar qualquer coisa violentamente cor-de-rosa de um longo e esguio tubo. Levantou-se graciosamente e sorriu.

— Ah, Eve Dallas. Até que enfim nos conhecemos. Seja bem-vinda à minha humilde casa. O que posso oferecer-lhe para se refrescar?

— Nada.

— Oh, bem, se mudar de ideias, basta pedir. — Havia uma sonoridade na voz dele que recordava Eve dos diálogos de alguns dos velhos filmes a preto e branco que Roarke gostava de ver. — É tudo, Marta.

— Sim, Sr. Ricker. — A criada saiu da sala e fechou a porta.

— Eve Dallas — repetiu ele, com os olhos a brilhar enquanto gesticulava para uma poltrona. — Isto é absolutamente delicioso. Posso tratá-la por Eve?

— Não.

O brilho ficou gelado, prateado, mesmo enquanto ele dava uma gargalhada genuína.

— Então é uma pena, Tenente. Não quer sentar-se? Confesso que tenho alguma curiosidade em relação à mulher que casou com um dos meus... ia dizer protegidos — disse, enquanto voltava a sentar-se. — Mas tenho a certeza que Roarke se oporia ao termo. Por isso, direi um dos

meus antigos associados. Tive esperanças que ele a acompanhasse até aqui.

— Ele não tem nada a tratar aqui, ou consigo.

— De momento não. Por favor, sente-se. Sinta-se confortável.

O conforto não era uma opção com aquela poltrona feia, mas Eve sentou-se.

— Que atraente que é — disse ele suavemente, com os olhos postos nela.

Os homens que olhavam daquela maneira para uma mulher queriam apenas que ela se sentisse sexualmente vulnerável, fisicamente desconfortável. Eve sentiu-se apenas levemente insultada.

— De um modo competente e num estilo desprezioso — acabou Ricker. — Não o que se espera de Roarke, naturalmente. Ele sempre gostou de mulheres com mais estilo, mais evidentemente femininas.

Ricker tamborilou com os dedos no braço da poltrona e Eve notou que ele tinha as unhas pintadas da sua cor de referência e limadas de modo a formarem pontas afiadas e cruéis.

— Mas que inteligente ele foi em escolhê-la a si, uma mulher com os atributos mais subtis e com a sua profissão. Deve ser muito conveniente para ele ter uma aliada como a Tenente na força policial.

Aquele discurso tinha como objetivo provocar uma reação nela, por isso, Eve limitou-se a inclinar a cabeça.

— A sério? E porque será isso tão conveniente para ele, Sr. Ricker?

— Dados os seus interesses. — Ricker bebericou a sua bebida. — Os interesses de negócios.

— Os negócios dele preocupam-no, Sr. Ricker?

— Apenas no sentido académico, já que outrora partilhámos uma ligação. Por assim dizer.

Ela inclinou-se para a frente.

— Gostaria de falar, oficialmente, sobre as suas ligações?

Os olhos dele semicerraram-se, como os de uma cobra.

— Seria capaz de o colocar em risco, Tenente?

— O Roarke é capaz de cuidar de si próprio. E o senhor?

— Já o domou, Tenente? Já castrou o lobo e transformou-o num cãozinho de colo?

Desta vez Eve riu-se e com vontade.

— O cãozinho de colo era capaz de lhe arrancar o pescoço sem sequer ficar com a respiração acelerada. E o senhor sabe disso. Não fazia ideia de que tinha tanto medo dele. Isso é interessante.

— Está enganada — disse, mas os dedos de Ricker apertaram-se em redor do tubo.

Eve observou a garganta dele a trabalhar, como se estivesse a esforçar-se por engolir qualquer coisa particularmente desagradável.

— Não me parece. Mas não é pelo Roarke que estou aqui. Gostaria de discutir os seus negócios, Sr. Ricker. — Tirou o gravador. — Com a sua autorização.

Os lábios dele curvaram-se, uma linha rígida por baixo do bigode prateado, linha essa que era tudo menos um sorriso.

— Naturalmente. — E tocou com um dedo no braço da poltrona.

Do outro lado da sala, apareceu um holograma. Seis homens de fatos negros apareceram sentados lado a lado numa longa mesa, de mãos cruzadas e olhos penetrantes.

— Os meus advogados — explicou ele.

Eve pousou o gravador na mesa prateada entre ambos, leu as informações necessárias e recitou os princípios revistos de Miranda.

— Você é meticulosa. O Roarke deve gostar disso. Assim como eu gosto.

— Compreende os seus direitos e obrigações, Sr. Ricker?

— Compreendo, sim.

— E recorreu ao direito que tem de solicitar a presença dos seus advogados — dos seis — para que estivessem presentes nesta entrevista informal. O senhor foi detido há seis meses por... — Levantou uma mão, embora soubesse as acusações de cor e salteado, tirou o bloco eletrónico do bolso e leu-as com toda a precisão. — Manufatura, posse e distribuição de substâncias ilegais incluindo alucinogénios e conhecidos aditivos, transporte internacional e interplanetário de substâncias ilegais, posse de armas banidas, operação de unidades fabris sem licença...

— Tenente, para nos poupar tempo a ambos, declaro que sou conhecedor de todas as acusações que me foram atribuídas por ocasião da minha infeliz detenção no último outono. Assim como tenho a certeza que a senhora tem conhecimento que a maior parte dessas ridículas acusações foram subsequentemente retiradas e aquelas que não o foram resultaram num julgamento no qual fui absolvido.

— Tenho conhecimento que os seus advogados e os da Procuradoria de Nova Iorque negociaram um acordo que fez cair algumas das queixas menores. Em troca, os nomes de quatro traficantes de armas e substâncias ilegais, assim como informações sobre as suas atividades, foram oferecidos à Procuradoria, através do seu representante. O senhor não é muito leal aos seus associados, Sr. Ricker.

— Muito pelo contrário, sou excessivamente leal. Não tenho associados que trafiquem armas e/ou substâncias ilegais, Tenente. Sou um homem

de negócios, que todos os anos faz donativos consideráveis para causas solidárias e políticas.

— Sim, eu conheço os seus donativos políticos. Foi um generoso contribuinte para uma organização conhecida como Cassandra.

— É verdade. — Levantou uma mão quando um dos advogados começou a falar. — E fiquei chocado, chocado até ao âmago do meu ser, quando descobri que estavam envolvidos em atividades terroristas. A senhora fez um grande favor ao mundo, Tenente, em despedaçar aquela esfera horrorosa e ao destruí-la. Até a história ser ventilada nos meios de comunicação social, estava iludido e fui levado a acreditar que o grupo Cassandra se dedicava a afiançar a segurança e direitos do público americano; sim, através de meios paramilitares. Mas meios que julgava legais.

— É uma pena não ter feito uma pesquisa mais cuidadosa sobre Cassandra, Sr. Ricker; presumi que uma pessoa com os seus recursos o fazia sempre que se prepara para doar mais de dez milhões de dólares que certamente tanto lhe custaram a ganhar.

— Foi um erro do qual me arrependo profundamente. O empregado que na altura tratou dos donativos já foi despedido.

— Compreendo. O senhor estava com julgamento marcado, com várias acusações, que não se encontravam contempladas no acordo com a Procuradoria. No entanto, algumas provas desapareceram e certas informações acerca da operação que conduziu a polícia ao armazém do qual é dono, assim como o modo como o armazém foi tomado, também ficaram danificadas.

— É isso que dizem os registos oficiais? — Atirou a cabeça para trás, fazendo com que os cabelos prateados se agitassem. — As informações eram frágeis, incompletas e ridiculamente pejadas de desinformação plantada pela polícia para possibilitar o ataque ao armazém que, embora faça de facto parte do meu espólio de propriedades, era gerido e operado por um cliente independente.

Eve reparou que os olhos dele começaram a brilhar, a voz a erguer-se e as unhas afiadas e mortais a esculpir uma rápida tatuagem no braço da poltrona.

— Todo este assunto não foi mais que um assédio policial e os meus advogados estão a tratar do processo que, como resposta, instauraremos ao Departamento de Polícia e Segurança de Nova Iorque.

— Qual é a sua ligação com o Detetive Taj Kohli?

— Kohli? — Continuou a sorrir, com o brilho penetrante presente nos seus olhos. — Receio que o nome não me diga nada. Conheço realmente muitos colegas seus de profissão, Tenente. Sou um grande apoiante

dos homens e mulheres que nos servem. Mas esse nome em particular... Espere, espere.

Esfregou um dedo contra os lábios e, maldito, Eve ouviu a ligeira risada.

— Kohli, sim, claro. Ouvi falar da tragédia. Ele foi morto recentemente, não foi?

— O Kohli estava no grupo de trabalho que desmascarou o seu armazém em Nova Iorque e que lhe fez perder vários milhões de dólares em bens materiais.

— O Sr. Ricker nunca foi legalmente ligado ao armazém, aos seus laboratórios ou ao centro de distribuição de Nova Iorque, que foram descobertos e encerrados pela Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque. Opomo-nos que a declaração em contrário seja lida neste registo.

A voz do advogado arrastou-se, mas nem Ricker nem Eve se deram ao trabalho de olhar na direção dele.

— Foi um infeliz acontecimento o seu Detetive Kohli ter sido morto, Tenente. Vou passar a ser interrogado sempre que um agente da polícia tiver um fim trágico? É que pode ser considerado como perseguição adicional.

— Não, não pode, uma vez que esta entrevista foi concedida sem condições. — Agora Eve sorria. — Tenho a certeza que a sua frota de advogados poderá verificar isso. O Kohli trabalhava nos detalhes, Sr. Ricker. Ele era bom com detalhes. Enquanto homem de negócios e homem do mundo, tenho a certeza que concordará que a verdade se encontra nos detalhes — e a verdade tem uma maneira de vir ao de cima, por muito profundamente que tenha sido enterrada. Basta que apareça a pessoa certa para a desenterrar. Tenho uma grande estima pela verdade e uma objeção séria em aceitar que um agente seja executado. Por isso, encontrar a verdade e encontrar a pessoa que matou o Kohli — ou que contratou a sua morte — vai ser uma missão pessoal para mim.

— Tenho a certeza que a ofende o facto de o seu colega ter sido assassinado, e de modo brutal, num estabelecimento que pertence ao seu marido. — A excitação agitava-se na voz dele, ligeiramente desafinada. — É incómodo, não é, Tenente? Para os dois. É por esse motivo que está a perturbar-me com acusações veladas em vez de chamar o seu marido para um interrogatório?

— Eu não disse que o assassinato foi brutal ou que tinha tido lugar num dos estabelecimentos de Roarke. Como teve acesso a essas informações, Sr. Ricker?

Pela primeira vez, ele parecia ter ficado corado, o olhar inexpressivo, a boca ligeiramente aberta. Os seis advogados começaram a falar todos ao

mesmo tempo, um ruído de fundo que não era mais do que um disfarce e ar desperdiçado. Deu a Ricker tempo para se recompor.

— Eu faço questão de saber das coisas, Tenente. Faço questão. Fui informado de que houve um incidente numa das propriedades do seu marido.

— Quem o informou?

— Outro dos meus associados, julgo. — Acenou debilmente com uma mão, mas ainda antes que se apoiasse no braço da poltrona, já a mão estava transformada num punho cerrado. — Não me recordo. É contra a lei ter este tipo de informações? Eu coleciono informações. É uma espécie de passatempo. Informações sobre pessoas que me interessam. Assim como você. Sabe, tenho conhecimento de que foi criada pelo Estado, depois de ser encontrada numa condição de franca perturbação quando tinha apenas oito anos de idade.

Enquanto falava, as mãos abriram-se, mas os olhos tornaram-se mais brilhantes. Famintos, pensou Eve. Como os olhos de um homem que anseia por uma boa refeição.

— Tinha sido violada, não é verdade, e com bastante violência. Deve ser difícil viver com um trauma desses, fazer as pazes com uma inocência tão vilmente roubada. Nem sequer tem o seu nome verdadeiro, pois não, mas aquele que lhe foi dado por uma assistente social devastada. Eve, é uma escolha particularmente sentimental, que indica a primeira mulher. E Dallas, uma escolha prática, que reflete a cidade onde foi encontrada, quebrada, magoada e praticamente muda, num beco imundo.

Foi certo. Levou-a de volta, agitou as suas entranhas e deixou-a maldispоста, gelou-lhe os ossos. Mas ela nunca desviou os olhos do rosto dele. Nunca vacilou.

— Nós jogamos com as cartas que recebemos. Eu também coleciono informações. Principalmente sobre pessoas que ofendem o meu sentido de estilo. Pode desenterrar as informações que quiser sobre mim, Ricker. Só o vai ajudar a ter uma boa ideia, uma ideia clara, de quem tem pela frente, desta vez. O Kohli agora é meu e vou descobrir quem, porquê e como o quiseram matar. Pode confiar. Fim da entrevista — disse, pegando no gravador.

Mesmo enquanto os advogados se erguiam em avisos e objeções, Ricker desligou o holograma. Se possível fosse, ainda estava mais pálido do que quando ela tinha entrado.

— Tenha cuidado, Tenente. Aqueles que me ameaçam podem ter um fim desagradável.

— Observe novamente as informações que tem sobre mim, Ricker, e verá que o desagradável nunca me preocupou.

Ele levantou-se ao mesmo tempo que ela, deu um passo em frente de um modo que a deixou entusiasmada e esperançosa, esperançosa que ele perdesse a cabeça apenas por um instante. Um instante que seria suficientemente longo.

— Acha que consegue fazer-me frente? Acha que o seu distintivo representa poder? — Estalou os dedos em frente ao rosto dela. — Assim, é tão simples como isto fazer com que desapareça de vez.

— Experimente. E depois veremos.

Os músculos agitaram-se no rosto dele, mas Ricker recuou.

— Talvez acredite, erroneamente, que a sua ligação com o Roarke a pode proteger. Ele é fraco, transformou-se num homem brando e sentimental, por causa de uma polícia. Houve um tempo em que tive planos para ele. Neste momento tenho planos diferentes.

— É melhor examinar com mais cuidado as suas informações, Ricker, e verá que não preciso, nem nunca precisei, de ser protegida por ninguém. Mas digo-lhe uma coisa: o Roarke vai adorar saber a verdadeira extensão do medo que tem dele. Mais tarde, vamos dar umas boas gargalhadas à conta disto, à sua conta.

Quando se virou, Ricker agarrou-lhe no braço. O coração de Eve saltou com ansiedade quando levantou os olhos para ele, com toda a calma.

— Oh, sim, por favor faça isso — murmurou.

Os dedos dele enterraram-se de imediato, dolorosamente, as unhas a penetrar a carne, antes de a libertar. *Controlo?*, pensou Eve. Não, ele não estava nem de perto tão controlado como acreditava estar.

— Eu acompanho-a à porta.

— Eu sei o caminho. É melhor dedicar-se ao trabalho, Ricker, certifique-se de que apagou todas as suas pegadas. Vou andar a revirar todas as pedras por onde andou a rastejar. E vou gostar de o fazer.

Saiu da sala, sem ficar surpreendida por ver a criada droide a pairar perto dali, com um sorriso acolhedor.

— Espero que tenha apreciado a sua visita, Tenente Dallas. Acompanho-a até à porta.

Enquanto se afastava, Eve ouviu o inconfundível som de vidro a partir-se.

Não, pensou sorrindo para si própria. *Não tão controlado quanto julga.*

Foi levada até ao carro e cuidadosamente observada enquanto passava pelos portões.

Dez minutos depois, identificou o primeiro seguidor. Nem sequer tentavam ser subtis acerca do facto. Eve deixou-os seguir atrás dela, manteve a velocidade um pouco acima do limite legal e passaram-se mais trinta

quilómetros até o segundo carro aparecer vindo de uma rampa e parar em frente a ela. Encurralaram-na.

Vamos lá brincar, decidiu, pisando no acelerador.

Mudou de faixa, serpenteou por entre o trânsito, mas não lhes dificultou muito a vida. Enquanto calculava a configuração do terreno, fez uma chamada do seu transmissor. Quase casualmente.

Com o que esperava que parecesse um ato de pânico, saiu da via rápida um pouco depois da fronteira de Nova Iorque.

— Eu sabia que vocês não me iam deixar ficar mal — murmurou à medida que os carros se aproximavam dela. — Idiotas.

Satisfeita por ver a estrada suficientemente calma, voltou a pisar o acelerador e avançou. Depois fez uma inversão de marcha súbita e começou a conduzir de frente para os carros que a perseguiam. Um deles virou para a direita, o outro para a esquerda e, à velocidade a que iam, resvalaram na estrada no preciso instante em que ela ligou as sirenes.

Eve saiu do carro, com a arma em punho.

— Polícia! Fora dos carros! Toda a gente cá para fora, as mãos onde as consiga ver!

Viu o passageiro do segundo carro levar a mão ao interior do casaco e disparou um tiro em direção aos faróis do carro dele.

O vidro explodiu enquanto outras sirenes se juntaram à dela.

— Tirem esses canastos para fora dos carros, imediatamente. — Com a mão que tinha livre, puxou o distintivo. — Polícia de Nova Iorque. Estão presos.

Um dos condutores saiu do carro, com um ar todo convencido. Mas manteve as mãos à vista enquanto dois carros pretos e brancos paravam atrás dele.

— Quais são as acusações?

— Porque não começamos com excesso de velocidade e avançamos a partir daí? — Espetou um polegar. — Mãos no tejadilho. Sabes qual é a posição.

Os uniformes convergiram como formigas.

— Quer que vão algemados, Tenente?

— Sim, pareceu-me que estavam a resistir. E, olhem só para isto! — Parou de palpar o primeiro condutor e meteu a mão por baixo do braço dele. — Uma arma escondida. Ena pá, e ainda por cima é uma das banidas. Uau, tu estás mesmo metido em sarilhos.

Uma busca rápida revelou mais armas, quase duzentos gramas de Exótica, sessenta de Zeus, um conjunto elegante de ferramentas para assaltos e três tubos curtos de aço, muito jeitosos para partir espinhas.

— Levem estes falhados para a Central, sim? — pediu aos polícias. —

Prendam-nos por ocultação de arma de fogo, posse de substâncias ilegais, transporte de armas banidas num veículo motorizado e atravessar as fronteiras estatais com os mesmos. Posse de mercadoria suspeita.

Sorriu ferozmente, enquanto sacudia as mãos.

— Oh, e não se esqueçam do excesso de velocidade. O Sr. Ricker vai ficar tão contente convosco, rapazes. Tão contente.

Voltou a entrar no carro e exercitou os ombros.

Mas que mau feitio, Ricker, que mau feitio, pensou, esfregando distraidamente a dor que sentia no local onde os dedos dele se tinham enterrado. *Nunca dê ordens enquanto estiveres emocionalmente perturbado.*

A primeira ronda vai para mim.

Ian McNab tentou fazer um ar descontraído ao entrar na sala dos detetives. Não era fácil para um homem que tinha uma trança pela cintura e usava calças de voo cor de laranja, mas esforçou-se por isso.

Tinha uma boa desculpa por estar naquela zona. Alguns detetives tinham solicitado junto da DDE pedidos de investigação sobre algumas das testemunhas listadas no caso Kohli. Era essa a história de McNab e ia manter-se fiel a ela.

Também tinha outra razão para estar ali. E essa razão estava enfiada num cubículo minúsculo no canto mais afastado da sala a fazer laboriosamente o seu trabalho.

Ficava com um ar tão engraçado quando estava assim concentrada. Estava apaixonado por ela, era verdade. Não se sentia particularmente feliz com isso, uma vez que o seu plano de vida era ter agarrado tantas mulheres quantas humanamente possível. Gostava simplesmente de mulheres.

Mas depois Peabody entrou pela sua vida dentro com os horrorosos sapatos de polícia e uniforme imaculado, e o resto, como dizem os historiadores, é história.

No início, ela não foi totalmente cooperante. Oh, ele lá conseguiu levá-la para a cama — e para o chão da sala, para o elevador, para um balneário vazio — e para todos os sítios que a sua imaginação fluida conseguia arranjar. Mas ela não estava perdidamente apaixonada por ele.

No entanto, era forçado a admitir, embora o chateasse diariamente, que ele estava completamente apaixonado pela Agente Delia Peabody.

Esgueirou-se para dentro do cubículo dela e pousou o rabo magro no canto da secretária.

— Olá, Belo-body. Tudo bem?

— O que estás a fazer fora da DDE? — Peabody continuou a trabalhar e nem sequer levantou os olhos. — Partiste a corrente outra vez?

— Eles não nos prendem lá na DDE como vos fazem aqui. Como consegues trabalhar nesta gaiola?

— Com eficiência. Vai-te embora, McNab. Estou mesmo cheia de trabalho.

— O caso Kohli? Não se fala de outra coisa. Pobre filho da mãe.

Porque havia uma nota de pena na sua voz, Peabody olhou para cima.

E reparou que os olhos dele, frescos e verdes, não estavam apenas tristes. Estavam danados.

— Sim. Pois é, mas nós vamos apanhar o verme que o matou. A Dallas está a trabalhar todos os ângulos da questão.

— Ninguém o faz melhor que ela. Alguns dos colegas daqui pediram-nos para verificar uns nomes. Toda a gente na DDE, desde o Feeney até ao investigador mais insignificante está a trabalhar nisso.

— E tu não estás porquê? — perguntou Peabody com um riso desdenhoso.

— Fui escolhido para vir até aqui e ver se consigo uma atualização sobre o estado do caso. Vá lá, Peabody, nós também estamos metidos nisto. Dá-me qualquer coisa que possa levar de volta.

— Acho que não tenho muita coisa para te dar. Guarda o que te vou dizer para ti — disse, baixando a voz e espreitando pela abertura estreita do seu local de trabalho. — Não faço ideia do que a Dallas anda a tramar. Saiu sozinha para o exterior e não me levou com ela. Assim como também não me disse onde ia. Depois, há poucos minutos, recebi uma chamada dela. Tem uns agentes a trazer quatro gajos, que deteve pelos mais variados motivos, incluindo ocultação de armas de fogo, e quer que eu verifique o nome deles, rápida e imediatamente. Está a caminho daqui.

— E o que descobriste?

— Os quatro já foram hóspedes de várias instituições governamentais, principalmente por crimes violentos. Agressão, agressão com armas mortíferas. Barras para partir espinhas e persuasores, coisas da pesada. Mas ouve isto.

Baixou ainda mais a voz, de modo a que McNab teve de se aproximar para junto dela, apanhando o provocante aroma do seu champô.

— Estão todos ligados ao Max Ricker.

McNab abriu a boca, depois abafou a exclamação quando Peabody lhe sibilou.

— Achas que o Ricker está por detrás do assassinato de Kohli?

— Não sei, mas sei que o Kohli fez parte da equipa que o deteve no outono passado, porque a Dallas me fez ir buscar o processo do caso e a transcrição do julgamento. Dei uma vista de olhos rápida e o Kohli estava na retaguarda da equipa, não testemunhou nem nada. É claro que o caso foi resolvido a favor de Ricker em três dias. Mas a Dallas teve algum motivo para trazer quatro dos seus lacaios para a Central.

— Isto é muito bom.

— Podes falar dos quatro gajos que ela está a trazer, mas não fales da ligação com o Ricker até sabermos mais alguma coisa.

— Eu até podia fazer isso, mas preciso de um incentivo. E se aparecesse logo à noite lá em casa?

— Não sei o que a Dallas tem planeado. — Ele estava a sorrir-lhe amplamente. Por razões que Peabody não conseguia entender, estava a sentir cada vez mais dificuldade em resistir àquele sorriso idiota. — Mas sou capaz de conseguir dar lá um salto.

— Por falar em saltos, quando lá chegares, podemos... — Começou a aproximar-se mais dela, para fazer uma sugestão que a deixasse embalada durante o turno. Depois afastou-se da secretária tão depressa como uma pedra a sair de uma fisga. — Jesus, está ali o Comandante.

— Acalma-te — mas Peabody também ficou em sentido.

Não era raro Whitney aparecer na sala da Central. Mas também não era propriamente um hábito.

— Oh, caraças, ele vem para aqui.

Peabody viu-o e teve de resistir ao impulso de puxar pelo casaco do uniforme, para se certificar de que estava direito.

— Detetive. — Whitney parou, encheu a entrada do cubículo e olhou para McNab com os olhos negros, austeros. — Foi transferido da Divisão de Detecção Eletrónica?

— Não senhor, Comandante. A DDE está a trabalhar em conjunto com os Homicídios no caso do Detetive Taj Kohli. Estamos confiantes que esta cooperação e esforço interdepartamental vão ajudar a fechar o caso mais depressa.

Ele era bom, pensou Peabody, embora com uma certa admiração irritada. Era esperto como um rato.

— Então talvez seja melhor regressar à sua divisão e continuar com a tal cooperação, Detetive, em vez de perturbar o trabalho desta agente.

Mas não suficientemente esperto, pensou Peabody.

McNab quase fez continência, mas conseguiu impedir-se. Depois desapareceu, rápido como fumo.

— Agente, tem as informações que a sua Tenente lhe solicitou acerca dos quatro indivíduos que estão detidos?

Detidos? Já? Bolas.

— Tenho sim, senhor.

— Uma cópia — disse ele, estendendo a mão.

Peabody pediu uma impressão.

— Conforme solicitado, Comandante. Enviei também uma cópia dos dados para as unidades do veículo da Tenente Dallas e do seu gabinete.

Ele limitou-se a grunhir e depois virou-se, já a ler as informações. Parou e olhou de relance quando Eve entrou.

— Tenente, no seu gabinete.

Peabody até estremeceu com o tom de voz. Era duro como granito. E, corajosamente, saiu do cubículo. Não podia dizer que ficou desiludida quando Eve lhe fez sinal para que recuasse, e depois virou para o seu gabinete.

Havia uma fogueira a ser acesa, pensou Peabody, mas ainda não tinha a certeza de quem se ia queimar.

— Chefe — disse Eve, segurando a porta aberta, à espera que Whitney passasse e depois fechando-a atrás de si.

— Explique-me, Tenente, por que motivo saiu do Estado, e da sua jurisdição, para interrogar Max Ricker sem discutir as suas intenções ou percorrer primeiro a cadeia de comando?

— Comandante, como principal deste caso, não me é exigido que faça passar as minhas entrevistas de investigação pela cadeia de comando. E estou autorizada a sair da minha jurisdição para o fazer se essa mesma entrevista for pertinente para o caso em questão.

— E para perseguir um civil noutra Estado?

Eve sentiu a primeira pontada de fúria, mas ignorou-a.

— Perseguir, chefe?

— Recebi uma chamada do advogado de Ricker, que também contactou o Chefe da Polícia, ameaçando processá-la, processar este departamento e a cidade de Nova Iorque por perseguição ao seu cliente e por agressão e detenção de quatro dos empregados de Ricker.

— A sério? Ele ficou bem assustado — murmurou. — Não pensei que o tivesse conseguido atingir tão profundamente, Comandante — disse, voltando a concentrar-se na conversa. — Contactei Ricker, solicitei uma entrevista quando ele tivesse disponibilidade e o meu pedido foi concedido.

Tirou um disco selado de uma gaveta.

— O pedido, feito a partir desta unidade e a resposta positiva a tal pedido foram registados, assim como a minha entrevista com Max Ricker, na sua casa, onde ele foi devidamente Mirandizado, na presença de seis dos seus advogados, por via de holograma.

Desta vez, tirou o disco do saco.

— Tudo registado, Comandante, com o total conhecimento de Ricker. Com o devido respeito, chefe, ele está a mijar contra o vento nesta história toda.

— Ótimo. Foi o que eu pensei. — Pegou em ambos os discos. — No entanto, apontar para o Ricker como o responsável pela morte de um polícia é um assunto perigoso e delicado. É bom que tenha uma boa base de sustentação.

— O meu dever é explorar todas as pistas possíveis. Estou apenas a fazer o meu trabalho.

— E o seu trabalho inclui meter-se com quatro homens numa estrada pública, colocando as suas vidas e as dos transeuntes inocentes em perigo, com uma condução irresponsável, causando inclusivamente danos a dois veículos?

O treino de Eve era demasiado rígido para lhe permitir rosnar. Mas ainda pensou nisso.

— Enquanto regressava do Connecticut para a cidade de Nova Iorque, fui seguida e depois perseguida por dois veículos civis com dois homens em cada. Depois de fazer algumas manobras evasivas, os ditos veículos continuaram a perseguição, excedendo os limites de velocidade impostos. Preocupada com o potencial perigo para os restantes civis, abandonei a via rápida onde o trânsito era intenso e entrei num troço vazio da estrada. Nesta altura, os dois veículos em perseguição aumentaram ainda mais a velocidade, mudando para um padrão de ataque. Os veículos atravessaram a fronteira do Estado. Insegura quanto às suas intenções, pedi reforços e em vez de arriscar continuar uma perseguição a grande velocidade numa zona povoada, liguei as minhas sirenes e fiz uma inversão de marcha. Como resultado, os veículos saíram da estrada.

— Tenente...

— Chefe, gostaria de completar o meu relatório sobre o incidente. — O seu temperamento podia estar alterado, mas o tom de voz era extremamente calmo. — Identifiquei-me como sendo polícia e ordenei-lhes que saíssem dos veículos. Neste momento um dos indivíduos fez um movimento suspeito em direção ao que desconfeiei, e mais tarde confirmei, tratar-se de uma arma de fogo. Disparei um tiro de aviso, que danificou um farol do carro. Dois carros da polícia chegaram como parte do reforço e os quatro sujeitos foram algemados. Durante a busca que se seguiu, que é permitida dadas as causas prováveis, foram encontrados na posse dos sujeitos, ou ocultados nos veículos, armas banidas, duas formas de substâncias ilegais, ferramentas suspeitas e dois pesados tubos de aço. Nessa altura, pedi aos agentes que transportassem os indivíduos até à Central para serem detidos com acusações várias, contactei a minha assistente para fazer uma verificação normal a cada um deles e regresssei com a intenção de elaborar o meu relatório e interrogar os indivíduos entretanto detidos.

A voz dela continuava inexpressiva, descontraída e com uma calma mortal. Recusava-se a deixar que uma única centelha de fúria ou triunfo brilhasse nos seus olhos. Mais uma vez, levou a mão ao saco e tirou dois discos.

— Tudo o que acabei de descrever foi registado, através da minha unidade durante a perseguição e durante a detenção pela câmara do meu colarinho. É a minha opinião que o procedimento correto foi seguido tão à risca quanto possível.

Whitney pegou nos discos e permitiu-se o mais minúsculo dos sorrisos enquanto os guardava no bolso.

— Bom trabalho. Realmente, um bom trabalho.

Eve ordenou a si própria a mudança de disposição, com suavidade.

— Obrigada, chefe. — Mesmo assim a sua voz surgiu com uma nota dura.

— Está danada por a ter questionado? — perguntou Whitney.

— Sim, chefe, estou.

— Não a posso culpar. — Tocou indolentemente com os dedos nos discos que guardava no bolso, depois caminhou, tanto quanto o gabinete permitia, até à janela estreita. — Estava confiante de que teria sido cuidadosa, mas não completamente confiante. Além disso, vai ser fortemente atacada pelo advogado dele, mesmo com os registos de tudo. Queria ver como se aguentava. E aguentou-se bem, Dallas, como sempre.

— Eu consigo perfeitamente dar conta do recado com o advogado.

— Não tenho dúvidas. — Whitney inspirou fundo, observou a miserável vista da sua janela e questionou-se como suportava ela trabalhar naquela sala que parecia um caixote. — Está à espera de um pedido de desculpas, Tenente?

— Não. Não, chefe.

— Ainda bem. — Voltou a virar-se para ela, com o rosto novamente fechado e austero. — Os comandos raramente pedem desculpa. Você seguiu os procedimentos e não esperava outra coisa da sua parte. No entanto, isto não nega o facto de que ao arrastar o Ricker para este caso, está a colocar todo o departamento numa situação muito incómoda.

— Um polícia morto faz com que a situação seja incómoda para mim.

— Não se julgue mais esperta que eu, Tenente — ralhou ele. — E não subestime a minha posição, nem a do departamento, em relação ao assassinato do Detetive Kohli. Se o Ricker esteve envolvido nisso, quero a cabeça dele no cepo mais do que você. Sim, mais — acrescentou. — Agora, diga-me, se concordou em ser entrevistado, por que motivo mandou aqueles quatro idiotas atrás de si?

— Porque eu consegui irritá-lo.

— Tem de ser mais específica, Tenente. — Depois olhou em redor. — Onde diabo se *senta* neste buraco?

Sem falar, Eve puxou para fora a cadeira de secretária, que rangia. Ele olhou para a cadeira por um instante, depois num gesto que rebentou com a tensão acumulada na sala como se fosse um alfinete a rebentar um balão, atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

— Acha que eu não sei que isso é um insulto? Se eu sentar metade do rabo nessa triste representação de cadeira, trespasso-a e caio redondo no

chão. Por amor de Deus, Dallas, você tem categoria profissional para mais. Pode ter um escritório de verdade, em vez desta caverna.

— Eu gosto de estar aqui. Uma pessoa arranja uma sala maior e acaba por colocar mais umas cadeiras, talvez uma mesa. Depois as pessoas começam a aparecer. Para conversar.

Whitney sibilou entre dentes.

— Nem me diga nada. Ofereça-me lá um pouco daquele café que o Roarke lhe arranja.

Eve foi até ao AutoChefe, programou-o para preparar duas chávenas de café, quente, forte e preto.

— Comandante, gostava de falar consigo em particular por um instante.

— Dê-me lá o tal café e pode falar da maneira que mais lhe apetecer durante a próxima hora. Deus Senhor, que aroma.

Eve sorriu para si mesma, recordando-se da primeira vez que provou do café de Roarke. O café verdadeiro, não de soja nem nada daquelas porcarias de grãos manufaturados pelo homem. Devia ter percebido logo, naquele instante, que seria conquistada pelo café.

E como tinha de facto sido conquistada por ele, virou-se com a chávena na mão e depositou toda a sua fé no comandante.

— O Roarke esteve ligado ao Ricker em algumas áreas de negócios. O Roarke acabou com a associação há mais de dez anos, mas o Ricker não se esqueceu disso, nem o perdoou. Ele quer picar o Roarke, se tiver oportunidade para isso, e se tiver de ser através de mim, é isso que fará. Durante a entrevista, usei o Roarke para o provocar. E funcionou. Ele perdeu a compostura um par de vezes. Se eu continuar a colocar-lhe o dedo na ferida, ele vai continuar a perder a cabeça.

— Quão mal quer ele ao Roarke?

— Bastante mal, acho; mas também acho que tem medo dele. E isso sobressai nele mais que qualquer outra coisa, esse medo subjacente. Porque, bem, ele não o vê como medo, mas como um intenso ódio. Mandou aqueles idiotas atrás de mim porque não estava a raciocinar, estava a reagir. Ele é demasiado inteligente para mandar quatro desmiolados atrás de um polícia, desmiolados esses que podem ser ligados a ele. Mas perdeu o controlo o tempo suficiente para os mandar para a rua. Queria magoar-me porque desdenhei dele. Porque sou a polícia do Roarke e porque o tratei com desdém.

— Lançou-lhe o isco. Pense nisto. Ele podia tê-la magoado antes de conseguir sair da casa dele.

— Ele não ia sujar o próprio ninho. Foi um risco, mas calculado. Se conseguir fazer com que um daqueles palermas fale, podemos deter o Ricker e pressioná-lo ainda mais.

— Estes tipos não falam com facilidade.

— Não vai ser preciso muito. Quero o Ricker aqui detido. Ele escapou-se à acusação das substâncias ilegais. E isso não devia ter acontecido. Eu estudei os relatórios e transcrições. Parecia estar tudo bem, todos os ângulos cobertos. Depois houve uma série de coisas que começaram a correr mal. A interferência na cadeia das provas, uma das testemunhas principais que desapareceu quando devia estar sob proteção policial, um funcionário qualquer no gabinete do Procurador que arquivou mal um depoimento. Buracos pequenos que, todos juntos, fazem um buraco grande, por onde ele conseguiu escapar.

— Concordo e não há ninguém que queira apanhar o Ricker mais do que eu. Mas a ligação dele ao Kohli é, quando muito, ténue. Não consigo encaixar as peças de maneira nenhuma.

— Estou a trabalhar nisso — foi tudo o que Eve disse.

Pensou em Webster, nas pistas dele, mas ainda não estava preparada para falar disso.

— Dallas, o Ricker não pode ser a sua vingança pessoal.

— E não é. Mas deixe-me trabalhar nisto até ao fim, Comandante.

— A investigação é sua. Mas tenha cuidado. Se o Ricker foi o mandante do assassinio de Kohli, não vai hesitar em apontar as armas para si. E pelo que já me disse, tem mais razões para o fazer.

— Se eu o irritar o suficiente, ele vai cometer um erro. E eu não.

Fez a ronda dos advogados, um por cada homem que tinha detido. Eles eram, pensou, vermes em fatos de cinco mil dólares. Conheciam todos os truques. Mas iam passar um mau bocado para contornar o facto de ela ter tudo registado.

— Os registos — disse o verme principal chamado Canarde, com uma elevação dos dedos imaculadamente cuidados, — estavam unicamente na sua posse. Não tem qualquer corroboração de que os discos não foram manufacturados ou adulterados com o único propósito de perseguir o meu cliente.

— O que estava o seu cliente a fazer quando seguiu o meu carro do Connecticut até Nova Iorque?

— Não é contra a lei conduzir numa estrada pública, Tenente.

Eve limitou-se a folhear para trás, batendo com o dedo no processo.

— E na posse de armas banidas, ocultas?

— O meu cliente afirma que essas armas foram colocadas por si no local.

Eve olhou na direção do cliente, um homem com cerca de cento e quinze quilos, mãos do tamanho de presuntos e um rosto que só uma mãe podia amar — se fosse seriamente pitosga. Até ao momento, o homem não tinha aberto a boca.

— Eu devo ter estado muito ocupada. Então o seu cliente, que entretanto parece ter ficado mudo, afirma que eu trazia comigo, por acaso, quatro lasers de mão autocarregáveis e um par de espingardas de fogo de longo alcance na minha viatura policial, com a esperança de me cruzar com um civil e o poder incriminar. Com a justificação de, o quê, não ter gostado da cara dele?

— O meu cliente desconhece os seus motivos.

— O seu cliente é um monte de merda que já esteve neste tipo de situações antes. Agressão e assalto, transporte e ocultação de armas, agressão com armas mortíferas, posse com intenção. Você não está aqui a representar nenhum menino de coro, Canarde. Com o que temos contra o seu cliente, ele vai preso e fica preso. O meu palpite mais otimista são vinte e cinco, o que é muito tempo sem possibilidade de liberdade condicional, numa colónia penal fora do planeta. Nunca estiveste numa colónia penal fora do planeta, pois não, amigo?

Eve mostrou-lhe os dentes num sorriso.

— Lá fazem com que as celas aqui pareçam suites do Palácio.

— Já era expectável algum assédio e intimidação policial — disse Canarde com suavidade. — O meu cliente não tem mais nada a declarar.

— Sim, porque até agora tem sido um verdadeiro tagarela. Vais deixar que o Ricker faça de ti o cordeiro sacrificial? Achas que ele está preocupado com os vinte e cinco anos de cadeia que vais apanhar?

— Tenente Dallas — interrompeu Canarde, mas Eve manteve os olhos fixos no homem e viu uma débil centelha de preocupação nos dele.

— Eu não te quero apanhar a ti, Lewis. Queres que isto acabe? Queres começar já a primeira noite dos vinte e cinco anos numa cela? Ele paga-te o suficiente, alguém te pode pagar o suficiente para ficares encolhido num buraco, vinte e quatro horas por dia, durante vinte e cinco anos, com uma laje a servir de cama e câmaras de segurança a observarem-te de cada vez que quiseres dar uma mijada numa sanita de aço? Nas colónias planetárias não há luxos, Lewis. A ideia lá não tem nada a ver com reabilitação, não importa o que os políticos digam. É castigo.

— Permaneça calado, Sr. Lewis. Eu dou por encerrado este interrogatório, Tenente, e exijo o direito que o meu cliente tem a uma audiência.

— Oh, sim, ele vai ter a audiência dele. — Eve levantou-se. — És estúpido, Lewis, se achas que este fala-barato num fato caro está a defender os teus interesses.

— Eu não tenho nada a dizer. A polícias ou a ratas — disse Lewis com desdém, levantando os olhos. Mas Eve viu o brilho do medo no olhar dele.

— Parece que me incluo em ambas as categorias. — Eve fez sinal ao guarda. — Leve este monte de merda para o buraco dele. Dorme bem,

Lewis. A si escuso de dizer para dormir, Canarde — disse enquanto saía da sala. — Ouvi dizer que os tubarões não dormem.

Dobrou a esquina, percorreu um corredor e entrou pela porta da sala onde Whitney e Peabody observavam o interrogatório.

— As audiências estão marcadas para amanhã. Começam às nove — disse Whitney. — O Canarde e a sua equipa fizeram pressão para serem ouvidos depressa.

— Ótimo, os nossos rapazes vão passar a noite numa cela. Mas quero falar novamente com o Lewis, antes da audiência. Podemos empurrá-la para o fim, para me dar algum tempo com ele amanhã de manhã. É ele que vai quebrar.

— Concordo. Nunca visitou um centro de reabilitação fora do planeta, pois não, Tenente?

— Não, chefe. Mas ouvi dizer que são umas sarjetas.

— São piores do que isso. O Lewis também já deve ter ouvido falar deles. Continue a pressionar nesse ponto. Vá para casa — acrescentou. — Durma um pouco.

— Se eu estivesse lá dentro — disse Peabody quando ficaram sozinhas, — teria entregado até a minha mãe. Ele pode apanhar mesmo vinte e cinco anos fora do planeta?

— Pode pois. Ninguém se mete com um polícia. O sistema trata esses casos com severidade. E ele também sabe disso. Vai pensar nisso durante esta noite e vai pensar bastante. Quero-te de regresso aqui às seis e meia. Quero voltar a interrogá-lo amanhã bem cedo. Podes ficar na sala, a fazer a tua cara de má e sem piedade.

— Adoro fazer isso. Vais para casa? — perguntou, sabendo como era frequente que a tenente a mandasse para casa e continuasse a trabalhar sozinha.

— Sim, sim, vou. Depois de ter estado perto daquela corja, preciso de tomar um duche. Às seis e meia, Peabody.

— Sim, chefe.

Não foi jantar e não ficou nada satisfeita por ver que o ladrão de doces que a tinha catalogado de lorpa encontrara o seu último abastecimento. Teve de se contentar com uma maçã que alguém deixara inocentemente no frigorífico da Central.

Ainda assim, tapou-lhe o buraco, por isso, quando chegou a casa, estava mais interessada num duche quente e demorado do que em comer. Ficou ligeiramente desiludida por Summerset não ter deslizado até ao átrio quando ela chegou para que pudessem ter a habitual disputa silenciosa da noite.

Primeiro ia tomar o duche, decidiu, subindo as escadas a correr. Depois ia procurar Roarke. O duche ia dar-lhe tempo para perceber quanto do seu dia ia querer partilhar com ele.

Omitir por completo a questão de Ricker parecia-lhe ser o melhor, por enquanto, para a harmonia matrimonial.

Quando entrou no quarto, a primeira coisa que viu foram as flores. Era difícil não as ver, uma vez que havia um ramo de quase um metro e vinte mesmo no centro do quarto e o seu perfume era suficientemente doce para lhe fazer doer os dentes.

Demorou mais um momento para perceber que as flores tinham longas pernas magras dentro de umas calças pretas.

Summerset. O duche podia esperar.

— Para mim? Nossa, não precisava de se incomodar. Se não se esforçar mais para controlar a sua paixão por mim, o Roarke vai acabar por lhe dar um pontapé no traseiro e tornar a minha vida completa.

— O seu sentido de humor escapa-me, como é habitual — disseram as flores com uma voz seca e ligeiramente eslava. — Este horroroso e exagerado arranjo de flores acabou de chegar por mensageiro privado.

— Cuidado com o gato — avisou Eve quando Summerset deu um passo em frente e *Galahad* se atravessou no seu caminho.

Para sua surpresa e relutante admiração, Summerset desviou-se habilmente, evitando *Galahad* por um triz e pousando suavemente o enorme ramo de flores em cima de uma mesa grande na salinha de estar.

Galahad deu um salto para cima da mesa, cheirou as flores e depois atravessou a mesa para dar uma cabeçadinha na perna de Summerset.

— As flores são para si — disse Summerset e uma vez que ela estava a olhar, ignorou o gato. — E a partir deste momento, são um problema seu.

— Quem é que as enviou? Não são nada o estilo de Roarke.

— Certamente que não. — Summerset fungou, de modo muito semelhante ao de *Galahad* e olhou para o elaborado arranjo com desagrado. — Talvez um dos seus conhecidos criminosos as julgue um suborno adequado.

— Pois, não haja dúvida. — Pegou no cartão, rasgou o envelope e depois rosnou de um modo que até o gato saltou da mesa e se escondeu por entre as pernas de Summerset. — Ricker, aquele filho da mãe.

— Max Ricker? — O desagrado transformou-se em gelo, daquele que queima a pele. — Por que motivo havia ele de lhe enviar flores?

— Para me irritar — disse distraidamente; depois uma onda de medo percorreu-lhe o estômago. — Ou para irritar Roarke. Leve estas flores daqui. Queime-as, coloque-as na reciclagem. Livre-se delas depressa. E não

diga nada ao Roarke. — Agarrou na manga de Summerset. — Não diga nada ao Roarke.

Eve fazia questão de nunca pedir nada a Summerset. O facto de o fazer agora, e com tamanha urgência, fez com que os sinais de alerta soassem na cabeça dele.

— O que tem o Ricker a ver consigo?

— Ele é um alvo para mim. Leve-as daqui, caramba. Onde está Roarke?

— Lá em cima, no escritório. Deixe-me ver o cartão. Foi ameaçada?

— Isto é apenas um isco — disse Eve impacientemente. — Para o Roarke morder. Vá pelo elevador. Mexa-se. Tire-mas daqui. — Amachucou o cartão nas mãos antes que Summerset o pudesse apanhar. — Agora.

Descontente, Summerset voltou a pegar no arranjo.

— Tenha muito, muito cuidado — disse. Depois levou as flores para o elevador.

Eve esperou que as portas do elevador se fechassem antes de alisar o cartão e o ler mais uma vez.

Nunca cheguei a ter oportunidade de felicitar a noiva.

M. Ricker

— Eu já te dou a oportunidade — resmungou, rasgando cuidadosamente o cartão em mil pedaços. — Da primeira vez que nos encontrarmos no inferno.

Deitou os pedaços de papel pela sanita abaixo, respirou com um pouco mais de facilidade, depois despiu-se. Deixou as roupas onde elas caíram, pousou o arnês da arma em cima do longo balcão, depois entrou na cabina de vidro do duche.

— Todos os jatos no máximo — ordenou, fechando os olhos. — Trinta e nove graus.

Deixou que a água lhe batesse no corpo todo, aquecendo e fazendo desaparecer o pequeno arrepió que as flores trouxeram com elas. Ia colocar este assunto de parte e planear como iria massacrar Lewis na manhã seguinte.

Sentindo-se melhor, desligou os jatos, espremeu alguma da água do cabelo e depois virou-se. Deu um grito.

— Jesus. Jesus Cristo, Roarke. Sabes como eu detesto que te aproximes assim sem eu dar por nada.

— Sim, pois sei.

Abriu a porta da cabina de secagem, sabendo que ela a preferia a uma vagarosa secagem com a toalha. Enquanto a ventoinha girava, Roarke atravessou a casa de banho para pegar no roupão que estava atrás da porta.

Mas quando ela saiu da cabina, ele agarrou o roupão em vez de lho estender.

— Quem te fez essas marcas?

— O quê?

— Tens o braço marcado.

— Ah. — Olhou para baixo e viu uma imagem de Ricker, com os olhos a arder enquanto enterrava os dedos na carne dela. — Tens razão. Devo ter ido contra qualquer coisa. — Estendeu a mão para o roupão, mas ele segurou-o fora do alcance dela. — Vá lá, não vou partilhar os teus jogos doentios na casa de banho.

Normalmente, uma frase daquelas fazia-o rir. O estômago de Eve começou a tremer quando os olhos dele se mantiveram frios e fixos nos dela.

— Isso são marcas de dedos, Tenente. Quem é que lhe pôs a mão em cima?

— Por amor de Deus. — Instigando a sua irritação, arrancou-lhe o roupão das mãos. — Eu sou polícia, lembra-te? Significa que num dia normal tenho tendência a cruzar-me com um sem-número de personagens perigosas. Já comeste? Estou cheia de fome.

Ele deixou-a regressar para o quarto, ir até ao AutoChefe e mexer nele. Esperou até que premissa a tecla do pedido.

— Onde estão as flores?

Oh, merda.

— Que flores?

— As flores que foram entregues há poucos instantes, Eve.

— Não sei do que estás a falar. Acabei de chegar... Ei!

Ele virou-a tão depressa que os dentes dela quase bateram. E podiam ter batido mesmo, se não tivessem ficado completamente congelados com a fúria que ia nos olhos dele. O gelo tinha-se transformado muito rapidamente em fogo.

— Tu não me mintas. Tu nunca me mintas, foda-se.

— Para com isso. — Ele estava a segurá-la. Mas mesmo naquele momento, Eve percebeu, mesmo quando estava tão furioso, que não a estava a magoar e teve o cuidado de a segurar longe das nódoas negras do braço. — As flores entram nesta casa a todo o instante. O que queres que saiba sobre isso? Agora larga-me. Tenho fome.

— Eu tolero, e só Deus sabe que tenho tolerado, muita coisa vinda de ti, Eve. Mas não admito que estejas à minha frente a mentir-me. Tens nódoas negras no braço e alguém as colocou aí com a mão desde a última vez que te vi. O Summerset está lá em baixo a colocar uma grande quantidade de flores na reciclagem. Deve estar a agir de acordo com as tuas ordens,

presumo, porque ainda há pouco trouxe as flores cá para cima. Caramba, ainda as consigo cheirar aqui. De que tens medo?

— Não tenho medo de nada.

— Então de quem tens medo? Quem colocou o medo por trás dos teus olhos?

— Tu.

Sabia que estava a fazer mal, sabia que era cruel. E odiou-se quando os olhos dele ficaram inexpressivos, quando recuou um pouco cuidadosamente de mais, afastando-se dela.

— Desculpa?

Odiava quando ele usava aquele tom de voz rígido e formal, detestava-o mais que um grito. E quando ele se virou para se ir embora, Eve desistiu.

— Roarke. Caraças, Roarke! — Teve de ir atrás dele, de lhe segurar o braço. — Desculpa. Ouve-me, desculpa.

— Tenho de trabalhar.

— Não me afastes de ti. Não suporto quando fazes isso. — Arrastou as mãos pelo cabelo, pressionou as palmas com força contra a testa, onde a cabeça começara a latejar. — Não sei como fazer isto. Seja de que maneira for, vais ficar zangado.

Desgostosa, caminhou para a zona de estar do quarto, deixou-se cair em cima do sofá e franziu o sobrolho para nada em particular.

— Porque não experimentas contar-me a verdade?

— Sim, está bem. Mas primeiro tens de me prometer uma coisa.

— O quê?

— Oh, desamarra lá o burrinho e senta-te, sim?

— Pois, mas agora sinto-me muito bem de burro amarrado. — Estava a observar o rosto dela, a conjeturar, a especular. E sabia a resposta. — Foste ver o Ricker.

— Tu és o quê? Médiun? — Depois arregalou muito os olhos, levantou-se e recomeçou a correr. — Ei, ei, ei, tu prometeste.

— Não. Não prometi nada.

Apanhou-o quando ele ia a chegar ao corredor, ponderou tentar derubá-lo à força, mas depois decidiu tentar alcançá-lo no seu ponto fraco. Limitou-se a envolver os braços em redor do corpo dele.

— Por favor.

— Ele encostou-te a mão, magoou-te.

— Roarke. Olha para mim, Roarke. — Pousou as mãos no rosto dele. A expressão nos seus olhos era assassina. Sabia que era capaz de a concretizar, a quente ou a frio. — Fui eu quem lhe lançou o isco. Tenho cá as minhas razões. E por enquanto, consegui deixá-lo abalado. As flo-

res eram apenas uma provocação para ti. Ele quer que vás atrás dele. É o que ele quer.

— E por que motivo não lhe hei de fazer a vontade?

— Porque te estou a pedir que não o faças. Porque dar cabo dele é o meu trabalho, se conseguir jogar as minhas cartas como deve ser. Eu vou fazer o meu trabalho.

— Há alturas em que exiges muito de mim.

— Eu sei disso. E sei que podias ir atrás dele. Sei que arranjarias uma maneira de o fazer. Mas não é a maneira correta. Já não faz parte da pessoa que és agora.

— Não? — Mas a raiva, a primeira onda ofuscante de raiva já estava a desvanecer-se.

— Não, não é. Eu estive com ele hoje e agora estou aqui contigo. Tu não és nada parecido com ele. Nada.

— Podia ter sido.

— Mas não és. — A crise já tinha passado. Sentia-o. — Vamos entrar e sentar-nos. Vou contar-te tudo.

Ele inclinou-lhe o rosto para trás, com um dedo por baixo do queixo. Embora o gesto fosse terno, os olhos continuavam duros.

— Não voltes a mentir-me.

— Está bem. — Eve fechou uma mão por cima do pulso dele e apertou-o numa promessa silenciosa, por cima do pulsar do seu sangue. — Está bem.